

Ave MARIA



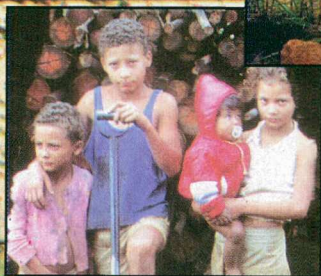
CV LV S.O

... et deus monstruoso et deformata plura genera reperiantur plu-
rimasque arborum nalcitur que brasili nuncupata uelibus puerpuro colo-
re tingendas oportuna censetur.

Brasil — 500 anos de fé

Tolerância
étnica

Jesus e
as mulheres



Campanha do Jubileu 2000
Por um milênio sem dívida

CONTRA a Dívida Externa

Sucessivos impérios nos têm conquistado.
Arrancam de nós as entranhas da mãe Terra.
Fazem-nos escravos ou dependentes ou subdesenvolvidos.
E, no fim, nós é que somos os devedores!

De uma dívida "externa",
porque não fomos nós que a contraímos.
De uma dívida "externa",
porque não será paga jamais.



Que já pagamos, sem dúvida, em excesso,
com fome, com miséria e com a morte prematura.
Que não queremos pagar,
porque é pecado "mortal" cobrá-la e pagá-la.

Quando eles nos pagarão o ouro, a floresta, o
sangue, a paz, o futuro, que arrancaram de nós?

Pagar a dívida externa é morrer.
E nós queremos viver!



"Não matarás", não cobrarás dívidas mortais.
Pagaremos, isto sim, todos juntos,
a única dívida, a do amor.
E seremos uma só família,
a filha humana de Deus.

AVE MARIA é uma publicação mensal da Editora Ave Maria (CGC 60.543.279/0002-62), fundada em 28 de maio de 1898, registrada no SNPI sob nº 22.689, no SEPJR sob nº 50, no RTD sob nº 67 e na DCDP do DFP, sob nº 199, P. 209/73 BL ISSN 0005 - 1934. A revista Ave Maria é de propriedade da Congregação dos Missionários Claretianos.

Diretor: Cláudio Gregianin

Administração: Luiz Claudemir Botteon

Equipe de redação: Avelino S. de Godoy; Eduardo Russo; Adelino Dias Coelho.

Diagramação: Avelino S. de Godoy; Antônia Portero Simon.

Redação, publicidade, administração e correspondência: Rua Martim Francisco, 656, 4º e 5º andares. Tel: (011) 3666-2128 e 3666-2129 - Caixa Postal 1.205 - CEP 01059 - 970 - São Paulo, SP.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Ave Maria. Estrada Comendador Orlando Grande, 86 Embu, SP - Bairro do Gramado, CEP 06835-300.

A assinatura pode ser feita em qualquer época do ano. O pagamento poderá ser enviado em cheque pagável em São Paulo, Vale Postal ou Valor Declarado em nome da **Revista Ave Maria** — A maioria das cidades é visitada por nossos representantes, que renovam as anuidades a domicílio; nas demais, as renovações de assinaturas são feitas pelo correio.

Assinatura anual: R\$ 20,00.

Ligue grátis: 0800-555-021

Ave Maria na internet:

www.revistavemaria.com.br

Correio eletrônico:

revista@avemaria.com.br

redacao@revistavemaria.com.br

assinaturas@revistavemaria.com.br

AVISO AOS ASSINANTES

Avisamos às senhoras e aos senhores assinantes que, ao serem visitados por cobradoras e cobradores de assinaturas não conhecidos, peçam a credencial fornecida pela *Revista Ave Maria* a todos os seus representantes legais.

COBRADORES e PROMOTORES AUTORIZADOS:

Alexandre Gregianin (RS); Alice Ferreira Reis (SP); Andréia Maria Ferreira Reis (SP); Sérgio Pierozan (SP e GO); Benedito Carlos Câmara (SP); Jesus Macedo (SP); Anselmo Pereira Almeida (MG); Benedito Vaz Neto (MG); Edson Nunes de Moraes (MG); Gilmar Diniz Silva (MG); Mauro Donizeti Câmara (SP); Rosa Maria S. Mormandi (SP); José Pereira da Silva (Londrina); Pe. Pedro Jordá.

EXIJA A DOCUMENTAÇÃO DO SEU COBRADOR.

Lembre-se de que é importante V.Sa. manter sua anuidade em dia. Se V. Sa. tiver dúvida quanto à data do vencimento, ligue a cobrar para a *Revista Ave Maria* (90 ___ 11) 3666-2128 ou 0800-555-021

SERVIÇO BÍBLICO NA INTERNET

Comentários teológico-bíblicos diários sobre as leituras bíblicas das missas na internet:

www.revistavemaria.com.br

E a boa-nova, hoje?...

A ressurreição de Cristo não se reduz ao fato isolado na história de Jesus de Nazaré, ocorrida há 2.000 anos. É um acontecimento dinâmico e permanente. Desde a Páscoa, a fé dos batizados repete a força da vida nova que Jesus veio trazer. *Quem crê em mim tem a vida eterna* (Jo 5,24) e ainda... *vida em abundância* (Jo 10,10), sinônimo de paz, justiça, alegria e felicidade.

Mas nem sempre a felicidade de viver existe entre os homens e as mulheres, mesmo com a presença dos que crêem em Jesus. Quando a fé é manipulada pelo poder e pelo domínio, torna-se inócua, perde sua força de sal, luz e fermento. Não traz vida, mas morte. Pode parecer estranho, mas é o que ocorre quando as religiões são praticadas para servir ao poder e mantê-lo.

No Brasil comemoram-se 500 anos do descobrimento. Os colonizadores, ávidos por territórios e tesouros, não acreditavam que índios tinham alma. Essa interpretação lhes era conveniente pois em nome dessa "crença" tudo podia ser conquistado e dominado mesmo que fosse a ferro e fogo.

Com as expedições dos colonizadores, vieram também os religiosos. Sua missão era anunciar a boa-nova de Jesus Cristo. Hoje, a Igreja pede perdão pelos erros — a não-evangelização — do passado e, entre tantos, a omissão ou pouca influência, apesar de seu grande poder na época, em barrar as violências cometidas contra as populações indígenas e de origem africana. Agora, devemos nos perguntar: a missão evangelizadora hoje é suficiente para sustar as injustiças e fazer valer o direito e a verdade? A dignidade humana para todos está a salvo? Não estaria a sociedade de hoje (governo e povo) todos nós como os antigos, considerando que os pobres e miseráveis não têm alma?... ou não têm direito à dignidade?!...

Neste número a revista *Ave Maria* apresenta "Brasil - 500 anos de fé", (p. 6) documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil no ensejo das comemorações dos 500 anos. É um apelo para que os cristãos, ao pedir perdão pelos erros do passado, assumam agora a responsabilidade que o nome de cristão impõe.

"Dignidade humana e paz" (p. 7), uma campanha de fraternidade ecumênica que abre os nossos olhos para a realidade de hoje: "a maior parte do povo brasileiro é vítima cotidiana de um verdadeiro massacre em suas condições de vida". "Tolerância étnica" (p. 9): João Batista Libânio aponta os preconceitos idiotas e ignorantes que tanto nos distanciam do projeto de Deus: criou os humanos à sua imagem e semelhança, iguais em dignidade de Deus (cf. Gn 1,26).

Maió é o mês de Maria, mãe de Jesus. Frei Betto, no artigo "Jesus e as mulheres" (p. 10), relembra a dignidade igual que as mulheres têm, o que nos ensina Jesus como Mestre no trato com elas e o quanto devemos corrigir em nossa cultura machista. "É preciso assumir, sem reservas, orienta a CF, a luta pela dignidade da mulher contra toda forma de exclusão".

P.C.G.

O Papa na Terra Santa

Vaticano, 1º/4. De 20 a 26 de março, o Papa realizou sua 91ª viagem pastoral. Visitou Belém, Nazaré e Jerusalém, nos territórios de Israel e da Palestina. Dizia ele à véspera da histórica viagem: "Com profunda emoção, irei aos lugares em que o Verbo se fez carne, viveu, morreu e ressuscitou para a nossa salvação. Possa esta visita, inspirada unicamente em motivos religiosos, produzir os almejados frutos de bem para a Igreja inteira!"

Nessa viagem ao Oriente Médio, João Paulo II comunicou sempre a mesma coisa, de formas diferentes. Conforme "O São Paulo" de 29/3, pediu perdão e tolerância recíprocos e convívência pacífica.

Na missa de Belém, uma mesquita próxima interrompeu a celebração, chamando os muçulmanos para rezar. O Papa se uniu a essa oração. Foi um ato inédito de respeito e tolerância. No Muro das Lamentações, valorizando a tradição judaica, João Paulo II deixou seu bilhete entre as pedras, pedindo perdão e fraternidade aos povos da Aliança.

No Museu do Holocausto, o Papa se comunicou com autoridade. Estavam presentes 20 judeus poloneses de sua cidade natal. Celebrava com eles a experiência que teve na guerra.

Foi com emoção que o Papa entrou na terra de Abraão, pai dos judeus, cristãos e muçulmanos. Foi vivenciando os dois mil anos de Encarnação que o Papa refez o caminho de Jesus Cristo. Combateu o anti-semitismo e restabeleceu as relações diplomáticas do Vaticano com o Estado judeu. Defendeu o direito do povo palestino em ter pátria e viver em paz. Assim o Papa foi notícia de paz entre judeus, cristãos e muçulmanos.

O bilhete do Papa

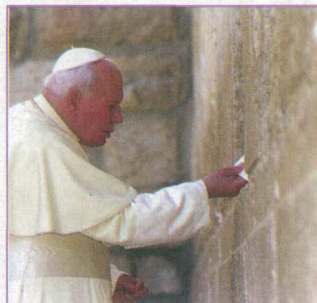


Foto: Ministério de Turismo de Israel.

São Paulo, 29/3. Estava escrito em inglês na folha de papel branco, colocada por João Paulo II no Muro das Lamentações: "Deus dos nossos pais, vós haveis escolhido Abraão e seus descendentes para levar o vosso nome às nações: estamos profundamente tristes com o comportamento dos que ao longo da história fizeram sofrer os vosso filhos e pedimos o vosso perdão".

Esta mensagem, com o selo do Vaticano no alto da

folha, estava assinada pelo Papa. Foi colocada no Yad Vashem, Memorial do Holocausto, anunciou um responsável israelita, adiantando que a carta que tem um grande valor histórico foi retirada do Muro das Lamentações para que não voe com o vento ou seja furtada. Dessa forma, a mensagem do Papa poderá ser lida no Memorial e assinalará sua visita ao Muro das Lamentações.

450 anos cuidando dos doentes

São Paulo, 7/4. Nesta data, Dia Mundial da Saúde, os camilianos celebraram 450 anos de seu fundador, S. Camilo de Lellis, evangelizador no mundo da saúde.

Os primeiros camilianos, padres Inocente Radrizzani e Eugênio Dallagiacoma, vindos da província Lombardo Vêneta, Gênova, Itália, chegaram ao Brasil, em 1922, a convite do então arcebispo de Mariana, MG, d. Silvério Gomes Pimenta.

Além de São Paulo, os camilianos possuem comunidades, hospitais e instituições de ensino em outros doze Estados brasileiros. No campo da educação, a ordem camiliana mantém o Centro Universitário São Camilo, Unisc.

Sofrimento de crianças



São Paulo, 29/3. Cerca de 18 mil crianças e adolescentes, sobretudo meninas, entre 7 e 14 anos, são espancadas todo mês no Brasil, segundo estudo do Unicef sobre a "Situação Mundial da Infância 2000". Para tentar acabar com essa situação, a Sociedade Brasileira de Pediatria, SBP, lançaram uma campanha nacional, iniciada em abril, com o tema: "Violência é covardia. As marcas ficam na sociedade".

O objetivo da denúncia é chamar a atenção de profissionais de saúde e da população para os maus tratos contra as crianças. "A violência contra crianças e adolescentes representa uma violação de direitos, a criança precisa de afeto, carinho e compreensão", disse Rachel Niskier, coordenadora da campanha.

Oração pela Vida

São Paulo, 25/3. Cerca de 50 pessoas estiveram reunidas no largo



São Francisco, Capital, SP, dia 24/3, para o evento: "Oração pela Vida". O grupo, composto por entidades católicas e evangélicas que trabalham junto a excluídos do centro da cidade, tem-se reunido, às sextas-feiras, em frente ao Teatro Municipal, no centro.

Em folheto distribuído à população após a oração, o grupo se define como "cristãos preocupados com a situação de miséria no Brasil", anunciadores do amor do Pai que não exclui ninguém e participantes da Campanha da Fraternidade Ecumênica 2000: dignidade humana e paz".

Também afirma estar nas ruas pelos seguintes motivos: "Provocar a solidariedade de pessoas que têm coração aberto a quem sofre"; "convidar as pessoas a orarem nas ruas, no trabalho, no ônibus e mostrar os grupos que fazem algo pelos irmãos e irmãs carentes"; "falar das coisas erradas que existem no país e levar a esperança de que a fé e união poderão construir um país diferente".

Compondo a história

São Paulo, 29/3. Desde 29/2 e até o final do ano, uma exposição do repórter fotográfico do jornal "O São Paulo", Douglas Mansur, está percorrendo toda a Suíça, passando por

idades de língua francesa e alemã. A abertura aconteceu juntamente com a Mostra Internacional de Filmes de Fribourg e contou com a participação do fotógrafo.

São 53 fotos no tamanho 30x40, que retratam temas — todos relativos ao Brasil — divididos em cinco blocos: uma visão do apartheid social, os movimentos sociais, a luta pela terra, o fruto da luta pela terra e conquistas sociais (reforma agrária, cooperativas e mutirões) e as marchas dos movimentos sociais.

Segundo Mansur, o objetivo principal da exposição é destacar a importância dos movimentos na transformação do Brasil, aspecto que, segundo lamenta o próprio fotógrafo, não será mostrado nas comemorações dos 500 anos do descobrimento do país. "Sempre vemos exposições na Europa mostrando o nosso futebol, nossa miséria, nosso carnaval. Nossa intenção agora é mostrar o lado negativo do país — crianças e moradores de rua, por exemplo —, mas também mostrar a organização. Nesses anos de luta dos movimentos, algo de bom surgiu. Se não fossem os movimentos, o Brasil seria pior".

Documentar os movimentos sociais e rurais e as questões ligadas à Igreja são as preocupações básicas de Douglas Mansur.

Serviço Bíblico na internet:
revistavemaria.com.br

4. **A IGREJA NO MUNDO**
Notícias
6. **CNBB/500 ANOS**
Brasil – 500 anos de fé
7. **CAMPANHA DA FRATERNIDADE**
Dignidade humana e paz
Novo milênio sem exclusões
9. **FÉ E CIDADANIA**
Tolerância étnica
J. B. Libânio
10. **Jesus e as mulheres**
Frei Betto
12. **Cidadania planetária: quem humanizadora?**
Francisco Gomes de Matos
14. **Mendigo e maltrapilho**
Pe. Zezinho
15. **LÍNGUA DA NOSSA GENTE**
Ymyrapytã: 500 anos!
Elias Leite
16. **HISTÓRIA DO BRASIL**
Os 500 anos do Brasil, ou a agonia de um sonho perdido no tempo
Ramon Casas Vilarino
18. **ESPECIAL**
Campanha Jubileu 2000
Por um milênio sem dívida
20. **SANTOS - TESTEMUNHOS DE VIDA CRISTÃ**
São Matias e São Bernardino
Ronaldo Mazula
22. **O PAPA PEREGRINO DA PAZ**
João Paulo II na Terra Santa
24. **MARIA NA DEVOÇÃO POPULAR**
Nossa Senhora de Celes
Roque Vicente Beraldi
25. **REFLEXÃO BÍBLICA**
Aliança: um compromisso cristão
Geraldo Araújo Lima
27. **LITURGIA DA PALAVRA**
De 28 de maio a 11 de junho de 2000
Adelino Dias Coelho
32. **ALCOOLISMO**
Alcoolismo, uma outra face
Sônia Mannelli
34. **MEU LAR, MINHA ALEGRIA**
O medo do outro (continuação)
Wimer Botura Jr.
35. **CULINÁRIA**
Yvone Barros Oliveira
36. **RELENDO A BÍBLIA**
Norma Termignoni
37. **TURMA DA MAÍRA**
Tina Glória

Brasil — 500 anos de fé

Reproduzimos, abaixo, alguns trechos do pronunciamento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil ao ensejo das comemorações dos 500 anos da Descoberta do Brasil.

Anós brasileiros, é impossível esquecer o que aprendemos nas mais elementares lições da história pátria: a chegada dos primeiros missionários e colonizadores portugueses; a primeira missa, celebrada no dia 26 de abril de 1500 no ilhéu chamado de Coroa Vermelha; e a segunda missa, celebrada por Frei Henrique de Coimbra no dia 1º de maio, quando os descobridores, após desembarcarem, ergueram, em terras brasileiras, uma cruz de madeira, símbolo da fé cristã.

Os colonizadores e missionários foram trazidos ao Brasil por motivos diversos. Aqueles vieram buscar riquezas e construir impérios; estes, impelidos pelo amor a Jesus Cristo, abandonaram tudo e aqui chegaram para anunciar o evangelho da salvação. A presença simultânea de uns e de outros não deixou, contudo, de provocar mal-entendidos, pois, embora se confessassem cristãos, não estavam todos à altura das responsabilidades que essa condição lhes impunha.

Na "aventura" coletiva da colonização nem tudo foram luzes. Nela, houve também sombras, pois é difícil impedir que aos mais puros ideais não se venham juntar ambições mesquinhas e até opressões desumanas. Vale lembrar os sofrimentos infringidos aos habitantes nativos da terra e a um grande número de africanos, trazidos à força para o Brasil como escravos, em um dos episódios mais tristes da História da América.

A primeira evangelização no Brasil, como se sabe, foi feita sobretudo pelas ordens religiosas. Os primeiros

missionários foram franciscanos, carmelitas e jesuítas, destacando-se, dentre estes últimos, as figuras de Manuel da Nóbrega e de José de Anchieta.

Ao decorrer do tempo, foram surgindo dioceses, paróquias e seminários para a formação dos presbíteros e foi sendo estruturado um sistema educacional. Não faltaram, porém, problemas à Igreja: a expulsão dos jesuítas pelo Marquês de Pombal, em 1759, impôs duro golpe à evangelização dos indígenas e ao sistema educacional da Colônia.



Em 1808, deu-se a abertura dos portos por Dom João VI, que se estabeleceu no Rio de Janeiro. O fato possibilitou, depois, a vinda de imigrantes dos países católicos da Europa (italianos, espanhóis, alemães, poloneses) e de nações de tradição católica oriental (russos, armênios, libaneses), estes sempre acompanhados de sacerdotes.

Aos grupos de imigrantes juntaram-se também membros de comunidades protestantes (luteranos metodistas, calvinistas) e anglicanas e um expressivo número de muçul-

manos e integrantes de comunidades hebraicas.

Com a Independência, os impedimentos do novo país julgaram-se com o direito de continuar a exercer os mesmos privilégios que a Santa Sé havia concedido aos reis de Portugal em relação à evangelização das Novas Terras.

A Lei do Padroado, aplicada rigidamente pelos Imperadores Pedro I e Pedro II, provocou redução do clero religioso e dificultou a criação de novas dioceses. Mas, contribuiu para o crescimento da religiosidade popular, que floresceu por meio de irmandades, sobretudo no interior, embora sem muita assistência espiritual. Além disso, não impediu o surgimento de bispos de grande valor, destacando-se, entre outros, as figuras de d. Vital, d. Macedo Costa, d. Antônio Viçoso.

Proclamada a República em 1889, a Igreja experimentou um reflorescimento: muitas dioceses foram criadas e passaram a receber grande ajuda de congregações religiosas provenientes da Europa. Além disso, ela ampliou o número de seminários, reestruturou seu sistema educacional e instituiu variadas obras de assistência social.

O catolicismo no Brasil foi formado em ambiente de acentuado pluralismo étnico, descrito por João Paulo II como "um dos amálgamas mais importantes da história humana". "Aqui, segundo as expressões do Papa, misturaram-se, durante três séculos, o índio, o europeu e o africano e, a partir do século XIX, os imigrantes europeus. A esses se somaram o san-



que e a cultura dos árabes, como os cristãos maronitas. Nesse sentido, o Brasil oferece um testemunho extremamente positivo. Aqui está em construção, com inspiração cristã, uma comunidade multiétnica.

Não se pode afirmar, com fundamento na própria História, que a presença da Igreja no Brasil, marcada por luzes e sombras, tenha sido e continue sendo livre de todo e qualquer tropeço. Ressalte-se contudo que, desde o início da evangelização, a conduta dos missionários foi pautada pelas orientações do papa Paulo III.

Pedimos ao Espírito de Deus que a Igreja, plantada no Brasil há cinco séculos, continue presente e atuante em nossa História, em nossa vida pública, em todas as regiões do País. E que esteja preparada para enfrentar os novos desafios que lhe são impostos pela realidade atual: a globalização, o processo de urbanização, o desemprego, o pluralismo cultural e religioso, a violência, a corrupção e sobretudo a falta de um número suficiente e qualificado de agentes de pastoral para assumir a tarefa da nova evangelização, além de outros percalços da chamada "pós-modernidade".

Que a celebração dos 500 anos de evangelização no Brasil nos ajude a reafirmar nossa identidade cristã. Tendo aprendido as lições dos erros do passado, peçamos perdão por nossas faltas e nos empenhemos no anúncio do evangelho, redobrando esforços, daqui para a frente, para a construção de um Brasil mais justo, fraterno, sem exclusões sociais, solidário com os outros povos e marcado pelo respeito à dignidade humana e pela paz.



D. Raymundo Damasceno Assis, Bispo Auxiliar de Brasília e Secretário-Geral da CNBB.

Dignidade humana e paz

Novo milênio sem exclusões

Após ter refletido sobre atos contrários à dignidade humana, o texto base da CF'2000, propõe algumas ações.

Jogando luz nos porões

Entre os próprios desamparados, há sinais da força milagrosa do Deus da Vida. No meio de todas as razões de desesperança, acontecem relações de solidariedade, partilha, amor. Há sonhos, desejos, projetos e iniciativas organizadas para conquistar um mundo construído por todos. Onde já existe isso, cabem dois tipos de gestos concretos: aprender com a esperança dos pobres e fazer parceria com eles na luta por dignidade e paz. Assim, uma primeira consequência desta Campanha da Fraternidade Ecumênica poderia ser a pesquisa das organizações populares que já existem e a decisão de colaborar criativa e generosamente com elas.

Há muita gente, dentro e fora das nossas Igrejas, que se mobiliza para resgatar a dignidade humana daqueles que a têm desrespeitado. Descobrir essas pessoas, apoiá-las, oferecer-lhes parceria é um outro meio de contribuir para a transformação. Algumas ações serão pontuais e imediatas: pão, remédio, agasalho... que atendem a necessidades urgentes; quem tem fome hoje não pode ficar esperando mudanças a longo prazo, tem de ser

socorrido agora mesmo! Mas não se pode parar por aí. É preciso promover soluções mais profundas que devolvam os direitos de quem hoje precisa de socorro urgente. Aí entra em cena a luta por mudanças nas estruturas sociais e na educação para a justiça e a solidariedade.

As Igrejas cristãs no Brasil estão comprometidas no resgate da dignidade ferida nos porões da vida com uma série de instituições e iniciativas. Muitas destas são levadas adiante com dificuldade. As várias Igrejas cristãs conservam sua autonomia na maioria dos projetos sociais, mas em muitos deles a integração vem se realizando de modo progressivo e seguro. A ação de todos os cristãos no campo social é mais eficaz quando a



realizam em conjunto e quando se vê que, ao fazê-lo, estão unidos, em nome do evangelho. Em situações particulares, a mesma assistência religiosa pode ser muito mais eficazmente assegurada, se os agentes pastorais das diversas Igrejas trabalharem juntos, como na pastoral dos hospitais, das prisões, dos menores, da população de rua.

A dignidade ferida

Há situações de desrespeito à dignidade humana e de violência que ocorrem de forma aberta, sem subterfúgios, "à luz do sol". A maior parte do povo brasileiro é vítima cotidiana de um verdadeiro massacre em suas condições de vida.

Estão aí, diante de todos, as escandalosas condições de atendimento às necessidades de saúde da população — nos hospitais ou nos postos médicos... O mesmo ocorre com transporte coletivo dentro das cidades, um gigantesco drama cotidiano, com as longas filas e tempo de espera, a insegurança, a superlotação, a falta de limpeza... E no campo são freqüentes os desastres com ônibus e caminhões que transportam trabalhadores das favelas das cidades do interior ao trabalho rural, como bóias-frias e volantes.

As favelas que surgem, da noite para o dia, nas cidades brasileiras são um exemplo visível da degradação de morar a que são submetidas grandes parcelas da população de nossas cidades.

A falta de segurança nas condições de trabalho leva o Brasil a não somente liderar o número de mortes em acidentes de trabalho e de trânsito, no continente americano, como

registrar mais óbitos por ano do que 15 países juntos, incluindo Estados Unidos. Além disso, cresce vertiginosamente o número de brasileiros acometidos por doenças ocupacionais. O problema não se restringe às atividades nos diferentes tipos de indústria, pois no campo a situação não é melhor. É sabido que há condições de trabalho que chegam a ser atroz, como a morte relatada de um trabalhador de Manaus: "Morreu mais um 'homem-mula', como são chamados os carregadores de produtos regionais na orla fluvial de Manaus. A vítima de ontem foi Antônio Carlos de Souza Melo, de 38 anos, que não suportou a carga de 150 quilos que levava nas costas e caiu sobre o meio-fio, sofrendo traumatismo craniano" (*O Globo*, 06/12/97).



O povo brasileiro conhece o sofrimento até mesmo para conseguir o cumprimento de seus direitos óbvios, pelo que se vê continuamente nas imensas filas angustiantes como, por exemplo, para atendimento à saúde, vaga na escola, receber aposentadoria, procurar emprego ou obter o modesto seguro-desemprego em épocas de crise...

E não podemos esquecer as dificuldades vividas pelos idosos, pelos portadores de deficiências de qual-

quer tipo e as outras categorias de discriminados sociais. E isto sem falar do problema crucial a que se referiu a Campanha da Fraternidade de 1999, o desemprego, com sua multiplicação de vítimas. Como foi refletido e denunciado no ano passado, este magno problema do desemprego afeta visceralmente toda a realidade brasileira. De sua solução, depende profundamente a luta pelo resgate e promoção da dignidade humana de cada cidadão e cidadã.

A verdade é que se instaurou em nosso País um perigoso estado permanente de desrespeito aos direitos humanos, que explode todos os dias nos salários injustos, na exploração da mão-de-obra, na entrega de nosso País aos estrangeiros, na corrupção política e econômica, na crescente onda de violência, degradação, prostituição, roubos, assaltos, corrupção de todos os tipos... As ações de violência, às vezes organizadas de maneira mafiosa e outras vezes como recurso desesperado para alcançar meios inadiáveis de subsistência, ferem definitivamente a dignidade tanto dos protagonistas como das vítimas, enfim, de todos.

Nesta situação, e não podendo tratar todos os temas, é preciso dar ênfase especial aos "filhos e filhas" da História de 500 anos de dominação de nosso País: os índios, os negros e as mulheres, que foram e continuam sendo vitimados de forma sistemática. São os segmentos de nossa população que têm sua dignidade cotidianamente ferida por condutas discriminatórias. Esses serão, portanto, os três temas que trataremos a seguir com mais atenção. Em cada lugar, porém, identifiquem-se outras situações similares.

(*Continua no próximo número.*)



Tolerância étnica

J. B. Libânio

A tolerância não é uma virtude comum, que abre todas as portas. Um professor de português não pode ser tolerante com os erros de gramática dos alunos. Deve emendá-los. Os pais não devem tolerar as anomias morais dos filhos, mas corrigi-los. A tolerância tem seu campo próprio de atuação. Como observa o filósofo francês M. Conche, ela é propriedade de uma sociedade universal: as particularidades nacionais, raciais, religiosas, etc., limitam *a priori* nela o campo das opiniões possíveis. O racismo faz prevalecer uma opinião sobre uma raça particular em detrimento das outras, não somente na concepção, mas sobretudo na conduta, na legislação, na organização social.

Defender hoje a conduta racista é um absurdo. Ninguém ousa fazê-lo sem horrorizar, como o caso mais famoso do político francês Le Pen. A superioridade étnica não se prova por meio de empreendimentos bem-sucedidos de determinada raça. Estes dependem de muitos fatores aleatórios. A história tem mostrado mudanças na trajetória dos momentos altos da cultura.

O racismo é idiota e ignorante. Sabemos hoje que a raça humana deriva da raça negra, de onde veio toda a humanidade. No princípio, éramos todos negros. As raças brancas foram lentamente se constituindo por uma despigmentação. A diferença de código genético mesmo entre o ser humano e certos símios é mínima. Quan-

to mais entre humanos de diversas etnias. As nossas carteiras de identidade genética são muito parecidas.

As diferenças foram acentuando-se por obra e graça de certos indivíduos que encontraram situações favoráveis para fazer valer seus talentos e criaram em torno de si contextos culturais propícios. A isso se somou uma série de fatores econômicos, geopolíticos que propiciaram maior desenvolvimento de alguns povos, independentemente do aspecto étnico.



Numa cultura primitiva você pode encontrar valores profundos em grau mais puro. Quem tem coragem de afirmar que possuir uma riqueza pessoal de 90 bilhões de dólares significa que superioridade humana sobre uma velhinha pobre de coração maravilhoso que todos conhecemos nos cantos escusos de nosso país?

Na paróquia em que trabalho ouvi o relato de uma senhora bem pobre que tinha um só cobertor. Ven-

do uma outra pessoa passando frio, deu-lhe o único cobertor. E ei-la sofrendo quietinha as noites frias. Isso veio a nosso conhecimento. Quantas pessoas vivem como traço constante de sua vida tais gestos de generosidade, de dom, em todas as etnias! A partir de onde se pode chamar alguma etnia superior? O desvendar lento da história revela-nos como os juízos de superioridade se fundam sobre alicerces frágeis.

A verdadeira superioridade do ser humano deriva de sua "reta razão", diz a filosofia clássica. E a reta razão se verbaliza em discurso de verdade. Os discursos de verdade se fazem carne em práticas de bem, de beleza, de bondade. E esse caminhar não tem sido privilégio de nenhuma raça. Em todas elas vemos tantos sinais expressivos de ambas as valências. A raça branca, petulante e orgulhosa, gerou, no nosso século, monstros humanos como Hitler e Stálin. Mas também Teresa de Calcutá e Hélder Câmara. Assim cada raça tem suas galerias de honra e desonra. Qualquer comparação nos levará a

um jogo inútil. E por fim, um toque de fé nos diz a verdade mais maravilhosa: todos os humanos foram igualmente criados à imagem e semelhança de Deus. E formam a humanidade habitada pelo Verbo feito carne. Grandeza de todos! Abaixo o racismo! Viva a tolerância étnica!



J.B. Libânio é professor e diretor da Faculdade de Teologia do Centro de Estudos Superiores da Companhia de Jesus (CES), Belo Horizonte, MG.

Jesus e as mulheres

Frei Betto

Comemora-se, no mês de maio, Maria, mãe de Jesus. Por decorrência, é também o mês da mulher. Numa cultura tão machista quanto a nossa, convém ressaltar as mulheres presentes na vida de Jesus e os desafios de sua postura para nós, hoje.

O evangelista Mateus aponta, na árvore genealógica de Jesus, cinco mulheres: Tamar, Raab, Rute e Maria; e, de modo implícito, a mãe de Salomão, aquela "que foi mulher de Urias". Não é bem uma ascendência da qual um de nós haveria de se orgulhar.

Viúva, Tamar disfarçou-se de prostituta para sequestrar o sogro e gerar um filho do mesmo sangue de seu falecido marido. Raab era prostituta em Jericó, onde favoreceu a tomada da cidade pelos israelitas. Rute, bisavó de Davi, era moabita, ou seja, uma pagã aos olhos dos hebreus. A "que foi mulher de Urias", Bet-sabéia, foi seduzida por Davi enquanto o marido dela guerreava. E Maria era a mãe de Jesus, que também não escapou das suspeitas alheias, pois apareceu grávida antes mesmo de se casar com José.

Como se nota, Deus entra na história humana pela porta dos fundos. Em sua atividade pública, Jesus se fez acompanhar pelos Doze e por algumas mulheres: Maria Madalena,

Joana, mulher de Cuza, o procurador de Herodes, Susana e várias outras. Portanto, o grupo de discípulos de Jesus não era propriamente machista. Além disso, Jesus freqüentava, em Betânia, a casa de suas amigas Marta e Maria, irmãs de Lázaro.

Os evangelhos registram vários encontros de Jesus com mulheres. O mais intrigante deles é o seu diálogo com a samaritana à beira do poço de

capaz de saciar aquele coração peregrino.

O primeiro milagre de Jesus foi para atender ao pedido de uma mulher, Maria sua mãe, preocupada com a falta de vinho numa festa de casamento em Caná.

Jesus curou várias mulheres, como a aleijada da sinagoga; a filha de Jairo; a que, há doze anos, sofria de hemorragia; a filha da cananéia

O mais preocupante, porém, é ainda a Igreja considerar, no casamento, a procriação como objetivo superior à comunhão de amor. As pessoas não se unem para ter filhos, mas por amor. Fosse o contrário, deveria ser considerado nulo o matrimônio de um casal estéril.



Jacó. Jesus sabia que ela já havia tido seis maridos. Nem por isso lhe fez um sermão sobre a fidelidade matrimonial ou as penas reservadas a quem se entrega à rotatividade conjugal. Jesus viu mais fundo. Percebeu que a samaritana buscava, sedenta, o amor em espírito e verdade. Por isso, concedeu-lhe a graça de ser a primeira pessoa a quem se revelou como Messias. Só Deus, que é amor, seria

que deu testemunho de profunda fé, etc. Jesus curou também a sogra de Pedro. Portanto, Pedro, escolhido por Jesus para ser o primeiro papa, era casado, o que tira a força do argumento de quem defende, por razões bíblicas, o celibato obrigatório e o impedimento de acesso de mulheres ao sacerdócio e ao episcopado. E nem se pode alegar que, ao seguir Jesus, Pedro teria abandonado para



sempre sua mulher, uma vez que a cura da sogra denuncia o retorno dele e de Jesus à casa da família, em Cafarnaum.

Certa ocasião, Jesus tinha ido comer em casa de um fariseu. Entrou uma mulher *da cidade, uma pecadora*, ajoelhou-se a seus pés e, chorando, começou a beijá-los, ungi-los com perfume e enxugá-los com os cabelos. O anfitrião, escandalizado, ficou em dúvida quanto a Jesus. Este, porém, desmascarou-o, ao sublinhar que, ao contrário dele, *ela demonstrou muito amor*. A primeira testemunha da ressurreição de Jesus foi uma mulher, Maria Madalena.

O modo de Jesus tratar as mulheres nem sempre coincide com o da Igreja católica, na qual elas são impedidas de acesso ao sacerdócio. Desconfio de que certos clérigos têm, da mulher, uma visão pornográfica. O mais preocupante, porém, é ainda a Igreja considerar, no casamento, a procriação como objetivo superior à comunhão de amor. As pessoas não se unem para ter filhos, mas por amor. Fosse o contrário, deveria ser consi-

derado nulo o matrimônio de um casal estéril.

O que se pode esperar de filhos, cujos pais não se amam? Não devemos nos aproximar de Deus para evitar as penas do Inferno ou obter a salvação. Mas por amor, sobretudo aos nossos semelhantes — imagens vivas de Deus. Não há experiência humana tão feliz e plena quanto a do místico que vive em estado de paixão pela Trindade.

Não há um só caso nos evangelhos em que Jesus tenha repudiado uma mulher, como fez com Herodes Antipas, ou proferido maldições sobre elas, como fez com os escribas e fariseus. Com elas mostrava-se misericordioso, acolhedor, afetuoso e exaltava-lhes a fé e o amor.

É chegada a hora de a Igreja assumir o seu lado feminino e abrir todos os seus ministérios às mulheres. Afinal, metade da humanidade é mulher. E a outra metade, filha de mulher.



Frei Betto é escritor e lançou seu 43º livro, *Hotel Brasil*, pela Ática — mhp@imagelink.com.br

DISCRIMINAÇÃO DA MULHER

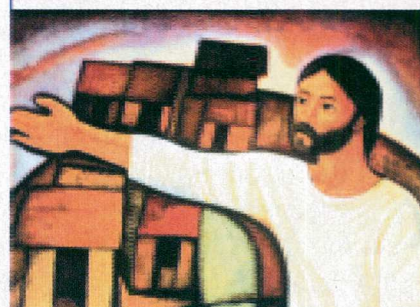
É preciso assumir, sem reservas, que a luta pela dignidade da mulher é parte da luta maior contra toda forma de exploração, violência e exclusão. E a violência contra a mulher pode ser classificada como sexual, profissional, política e religiosa. Em todos estes tipos de violência, estão presentes a agressão física e psicológica. É o que ocorre, por exemplo, com a violência doméstica.

O resgate da dignidade da mulher está acontecendo a partir

das lutas das mulheres em todas as partes do mundo. Todavia, a realidade tem mostrado que a construção da dignidade humana, na igualdade do masculino e feminino, não pode ser algo feito apenas pelas mulheres, pois está é uma tarefa da humanidade como um todo. O compromisso de eliminar a discriminação da qual a mulher tem sido objeto é algo a ser assumido por toda a sociedade e também pelas Igrejas cristãs.

(Texto-Base da Campanha da Fraternidade 2000.)

Venha ser um missionário CLARETIANO



150 ANOS PRESENTES E ATUANTES NO MUNDO

Ser missionário é... viver a alegria da doação total.

Os trabalhos são diversos:

- Missão • Serviço Paroquial
- Educação • Meios de Comunicação

Se você é dos Estados:

Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul,
escreva para:

Diacono Ivo Rogério da Silva
Centro Claretiano de Formação Missionária
"Padre Clote"
Rua Vicente Machado 157 - Id. Primavera
Cx. Postal 412 - 85501-970
Pato Branco, PR - Tel. (046) 224-2129
e-mail: clctet@witeduck.com.br

Minas Gerais, Rio de Janeiro, Goiás e Distrito Federal,
escreva para:

Pe. Márcio Silva Souza
Secretariado Vocacional Claretiano
Rua da Baníc, 1596 - Cx. Postal, 1438
30160-011 - Belo Horizonte, MG
Tel. (031) 222-3154
e-mail: cu_iabc@digitus.com.br

São Paulo, Mato Grosso, Nordeste ou outras regiões,
escreva para:

Pe. Janivaldo Alves dos Santos, cmf
Secretariado Vocacional Claretiano
Rua Martim Francisco, 656
Santa Cecília - 01226-000 - São Paulo, SP
Cx. Postal 1205 - 01059-970 - São Paulo, SP
Tel. (011) 9978-3893
e-mail: janivaldo@netpoint.com.br
site: www.cmf.br/vocacao

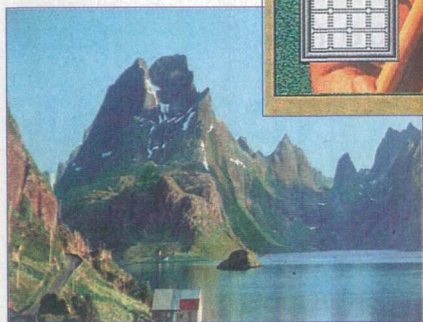
Cidadania planetária:

Francisco Gomes de Matos

Conceitos questionáveis

No início deste ano, ao conduzir um seminário sobre Cidadania, Linguística e Comunicação, pedi aos participantes que identificassem alguns conceitos-chave muito difundidos e controversos. Na lista, incluiu-se globalização. Houve quem atribuisse o primeiro lugar àquele termo, argumentando que vivemos numa aldeia global e que, portanto, queiramos ou não, temos essa condição de cidadania global. Seguiu-se uma animada discussão que, por seu desafiador alcance interdisciplinar, inspirou o início de uma pesquisa terminológica, aqui apresentada de forma sucinta. Antes, porém, esclareço que, no referido encontro, defendi o uso da cidadania planetária humanizadora, pelas razões expostas neste artigo.

Globalizar — estender algo a outras parte do mundo ou a todas (definição traduzida do *Random House Webster's College Dictionary*, New York, 1997, p. 552). Segundo essa



fonte, o verbo teria aparecido entre 1940 e 1945. No mesmo período, teria surgido globalismo, como um americanismo, isto é, termo cunhado nos Estados Unidos.

Globalização — "processo de integração mundial de tecnologias, empresas e economias, implementado a partir da década de oitenta", segundo o excelente *Glossário de Termos*

Neológicos da Economia, de Ieda Maria Alves, publicado por Humanitas, FFLCH, USP, 1998, p.127. A obra dá "mundialização" como sinônimo, preferido por especialistas franceses.

1998), que proclama o direito de todos os cidadãos viverem com dignidade, num mundo pacífico. Antes de tornar-se um patriota da paz, aquele autor tinha vivido a difícilíssima experiência de



Aos interessados em datação de termos, vale lembrar que "multinacional" teria sido introdu-

zida na língua escrita entre 1925 e 1930. O adjetivo planetário(a) — em inglês — remonta ao final do século XVI, possivelmente, entre 1585 e 1595, mas o uso de planetariedade, no sentido de cidadania planetária, inspirada nos direitos humanos e na paz, firmar-se-ia na década de 80. Um exemplo: o livro *Planet Hood*, de Benjamin B. Ferencz (Coos Bay, Oregon: Vision Books,

exercer a promotoria no julgamento dos criminosos de guerra, no Tribunal de Nuremberg.

Por que cidadania planetária?

Dentre os inúmeros aspectos que caracterizam a identidade individual, destaca-se o ecológico. Assim, somos seres ecológicos, relacionamos com outros seres vivos e com o meio ambiente. Por outro lado, compartilhamos o planeta Terra, o que nos confere uma identidade planetária.



quão humanizadora?

ria, a ser vivida com base em direitos e responsabilidades. Tudo isso nos leva à condição de cidadãos planetários. Não se trata de uma mera questão de preferência semântica — planetários em vez de globais — mas, acima de tudo de como nos percebemos, identificamo-nos, de maneira decidida, corajosa, acima de tudo humanizadora, por defender a idéia de que todo povo tem direito de viver em harmonia com os povos que compõem a grande família planetária, numa interdependência fundada na igualdade, no respeito mútuo e no justo desenvolvimento.

Princípios para cidadãos planetários humanizadores

Fôssemos explicitar princípios que poderiam nortear as ações de cidadãos conscientes de seu papel planetário humanizador, incluiríamos os seguintes, como um ponto de partida para uma discussão crítica mais aprofundada; no caso de cristãos, primordialmente à luz do Cristianismo. Convido os leitores a exercerem seu direito de questionarem a lista (para auto-avaliação), reformulando-a, criando outros itens e justificando suas contribuições (numa reunião em casa, no trabalho, na escola, etc.). (Veja os quadros ao lado) >>>>>>>>

Em suma, sejamos planetariamente interdependentes, sabendo honrar nossa independência.

Para uma aprofundada interpretação latino-americana de cidadania planetária, recomendo *Ecopedagogia e Cidadania Planetária*, de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado Rojas, tradu-

SOU CIDADÃ(O) PLANETÁRIA(O) HUMANIZADOR(A) AO:

- 1** construir uma identidade intercultural que reconheça, respeite e valorize a diversidade de culturas e que questione/combata o mito da aldeia global, empenhando-se em universalizar as singularidades ou diferenças culturais, por meios de comunicação, principalmente na internet. Sobre algumas auspiciosas tendências libertadoras, consulte *Global Literacies and the World-Wide-Web*, organizado por Gail Hawisher e Gynthia Selfe (Londres: Routledge,
- 2** perceber o planeta Terra — seus habitantes e seus ecossistemas — construtivamente, utilizando-se de uma comunicação igualmente construtiva. Aqui, lembramos um aspecto muito pouco pesquisado de nossa condição humana: a identidade ecolinguística. Assim, ao nos referirmos a uma enchente como um “castigo da Natureza”, estaremos usando a língua portuguesa injustamente (quanto ao meio ambiente).
- 3** conhecer cada vez mais os objetivos, os desafios, as missões, os resultados dos trabalhos de grupos promotores de uma cidadania planetária humanizadora, como a Anistia Internacional, Amigos da Terra, Problemas Mundiais na Educação Linguística (Universidade de Tottori, Japão), Linguapax (Unesco e Federação Internacional de Professores de Línguas Vivas), Programas de Cidadania Planetária (Escolas da Unesco na Finlândia).
- 4** ajudar a promover o estudo das idéias e ações exemplares de cidadãos planetários humanizadores, como Gandhi, Néelson Mandella, Madre Teresa de Calcutá, Paulo Freire, dom Hélder Câmara (veja-se, a propósito, o auspicioso livrinho para crianças, *Um menino chamado Hélder Câmara*, de Mário Souto Maior, editado pela Fundação Joaquim Nabuco, Recife, 1999). Até que ponto conhecemos e divulgamos nossos cidadãos planetários?
- 5** conscientizar as novas gerações a respeito da importância de considerar seus direitos e responsabilidades, como cidadãos planetários que buscam novas formas de democracia, mais humanizadoras que as atuais.

ção de original costarriquenha, vol. 3º, da inspiradora série *Guia da Escola Cidadã*, Instituto Paulo Freire, publicado pela Cortez Editora, SF 1999.



Francisco Gomes de Matos é professor e pesquisador do Departamento de Letras, em Direitos Linguísticos, da Univ. Federal de Pernambuco. e-mail: fcfgm@cashnet.com.br



IRMÃS DOMINICANAS



DE SANTA CATARINA
DE SENA

JOVEM

embarque em nossa
proposta de fazer
o bem em todo tempo
e lugar.

- Educação • Catequese
- Pastoral paroquial
- Assistência e Pastoral da Saúde
- Missões: dentro e fora do País

VISITE-NOS
OU
COMUNIQUE-SE CONOSCO

São Paulo, SP

Casa Provincial
Rua Manoel da Nóbrega, 307 (Paraíso)
CEP 04001-081 Tel. (0__11) 288-2951
e-mail: irsdominicanas@uol.com.br

Limeira, SP

Praça Dr. Luciano Esteves, 30
CEP 13 480-048 - Tel. (0__19) 441-6916

Londrina, PR

Rua Caetano Munhoz da Rocha, 258
(Parque Bom Retiro)
CEP 86 025-660 - Tel. (0__43) 329-1325

Petrolina, PE

Rua Joaquim Nabuco, 541
CEP 56 300-000 - Tel. (0__81) 861-0327

VISITE O NOSSO SITE:
www.dominicanas.com.br

“Nada se pode comparar com a
felicidade de ser toda de Deus”

(Madre Fundadora)

Mendigo e maltrapilho

Pe. Zezinho, scj

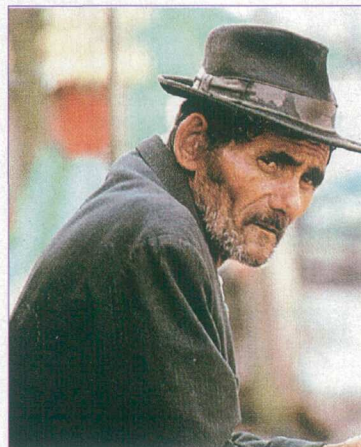
Maltrapilho, todo ensebado, cabelos espetados, roupa em tiras, ele mais parecia um desses bonecos de filme de terror do que um ser humano. Dentes feios, grandes, desenfileirados, tentava parar os carros que se desviavam dele. Soube, há pouco, que tinha sido atropelado, três dias depois. Evidentemente, tinha repetido o gesto. Virara notícia de rádio, porque jornais grandes raramente noticiam morte de mendigo. Não é notícia.

Quando passei outra vez por aquele viaduto veio-me a nítida sensação do que é enlouquecer no meio da cidade grande. Aquela noite, quando ouvi a notícia de que outro mendigo tinha sido atropelado, fiquei pensando nos milhares de cidadãos que enlouquecem com o barulho, o desespero, a fome, a deseducação, o desemprego e a falta de amor e de ternura. Aqueles homens um dia devem ter tido alguém. Tiveram roupas boas. Algum dia alguém sorriu para eles. Algum dia foram, ainda que por alguns meses ou anos, pessoas normais.

O que os levou a esse estado de não-pessoa? O que fez deles apenas animais humanos perambulando pelas ruas, sem saber exatamente o que fazer? Os cientistas explicarão seu

comportamento a partir de reações cerebrais, outros falarão de reações mentais e físicas, outros aduzirão falta de família, de religião... Haverá quem fale de carma e destino. Todos tentarão explicação e talvez sejam quem menos saibam como acabaram daquele jeito. Fatalidade? Nasceram para morrer assim, ou tinham chance de mudar seu rumo? A loucura é inevitável ou é possível controlá-la?

Os modernos tranqüilizantes têm controlado a vida de muitos deles. Técnicas de acompanhamento ajudaram muitos a saírem do estado mais agudo de loucura, mas os fatos persistem: há muitos cidadãos enlouquecidos no campo e na cidade, mais na ci-



dade do que no campo. Nem todo mundo aprende a conviver com a pressa e com o barulho e nem todo mundo consegue viver sob pressão. As religiões e a medicina poderiam ajudar, se trabalhassem juntas. Mas enquanto uma despreza os conhecimentos da outra, ficará muito difícil ajudar esses irmãos. Há mais loucos por aí do que se possa imaginar. A maioria não nasceu: ficou louca!

Pe. Zezinho é escritor, compositor, cantor e conferencista.



Ymyrapytã: 500 anos!

Elias Leite

YMYRAPITÃ: *ybyrá:* árvore, madeira + *pytã* (pytanga): vermelha, cor de fogo ou brasa. Daí, *brasi* ou *braseiro*.

Continuamos a série de nomes de cidades de origem tupi, iniciada na AM de janeiro, em homenagem aos assinantes, que residem nessas cidades.

GLOSSÁRIO ETIMOLÓGICO

CIDADE	NOME EM TUPI	SIGNIFICADO	MUNICÍPIO
GUARÁ (SP)	uyrá	uirá: ave, pássaro. Nome da garça vermelha. a'u'ara o que devora. Nome do lobo ou cachorro do mato.	18.215 habitantes: 9.171 homens - 9.044 mulheres; da área urbana: 17.394, da área rural: 821 / 348 km ² .
GUARACI (SP)	ko'ara'cy	ko'ara: este dia + cy: mãe. Mãe deste dia ou mãe do dia. Nome que os índios tupis davam ao Sol.	8.692 hab., 4.482 h. - 4.210 m; área urb.: 6.862, rur.: 1.830 / 605 km ² .
GUARANTÃ (SP)	iua'rantã	iuirá: árvore, madeira + antã: dura; rija. Madeira rija (árvore). Sin. pau-ferro.	5.572 hab., 2.809 h. - 2.763 m; área urb.: 4.440, rur.: 1.132 / 467 km ² .
GUARAPARI (ES)	uirá'pari	guará: a garça + pari: o cercado, o viveiro. Onde as garças buscam comida. Também nome de um arbusto conhecido, copiú .	73.730 hab., 37.046 h. - 36.684 m; área urb.: 67.712, rur.: 6.018 / 606 km ² .
GUARAPUAVA (PR)	uará'puaba	guará: lobo, cachorro do mato + puaba: o ruído, o latido. O laticio ou uivar dos guarás.	155.835 hab., 76.798 h. - 79.037 m; área urb.: 132.857, rur.: 22.978 / 5.349 km ² . Agrícola: tura, trigo, soja, ind. de móveis.
GUARARAPES (SP)	uarará'pe	uarará: espécie de tambor + pe: no (local). Os tambores, semelhança do monte na região de PE, onde aconteceram as batalhas de Guararapes, contra os holandeses (1648-54). Em SP, cognome histórico.	27.608 hab., 13.623 h. - 13.985 m; área urb.: 24.456, rur.: 3.152 / 915 km ² .
GUARATINGA (BA)	uirá'tinga	guará: garça + tinga: branca. Garça branca.	23.618 hab., 12.306 h. - 11.312 m. área urb.: 10.306, rur.: 13.312 / 2.796 km ² .

OBSERVAÇÕES: Dos nomes locais de origem tupi, uns conservam a forma original, outros foram alterados na grafia; outros ainda, por formação inadequada e até fantasiosa, não correspondem à origem da língua e têm sua interpretação dificultada, às vezes até impossível. Como era língua só falada, a grafia ficava por conta do ouvido de quem escrevia. Fontes: IBGE (1996), Enc. Larousse Culture (1998) e Folha de São Paulo.

Os 500 anos do Brasil, ou a agonia de um sonho perdido no tempo

Ramon Casas Vilarino

Portugal, segundo Fernando Pessoa, é um anfiteatro. Sua topografia sugere um palco que se encontra em seu litoral. Afastando-se da costa, levanta-se uma enorme bancada para o público. O poeta, dessa forma, afirma que seu país pendia naturalmente para o mar. Não é à-toa que foi o primeiro país a lançar-se num projeto de expansão marítima, quase um século antes de Espanha, França e Inglaterra, outras potências da Idade Moderna. Há outras razões para explicar tal pioneirismo, mas não vem ao caso explicitá-las; contentemo-nos com a poética explicação de Pessoa.

A historiografia contemporânea, por influência do marxismo, buscou as circunstâncias econômicas para oferecer o porquê daquela expansão, esquecendo-se de agregar outras perspectivas humanas que estão presentes num momento desses, de desbravamento do território, mas também do espírito.

Atentando para as fontes primárias — as cartas e os diários dos primeiros europeus que aqui aportaram — percebe-se o valor atribuído ao desconhecido — outros homens, outras organizações sociais — e a possibilidade de redenção pela construção, ou talvez, até mesmo a incorporação a um novo mundo.

A partir de Sérgio Buarque de Holanda¹, no Brasil, contamos hoje com uma pequena, porém confiável bibliografia que nos permite inferir que, para além do ouro, a alma dos europeus refletia outros brilhos. É

próprio do homem projetar no futuro ou em outro lugar a possibilidade de conciliação com uma realidade menos opressiva, mais justa e, dessa forma, mais próxima do Criador. Conceber um mundo com outros valores não deixa de ser uma resposta que o homem dá a uma realidade que não o contenta, que o deixa incompleto e

Terra de Santa Cruz — atenção! Terra Santa! — foi pisada por quem, entre outras coisas, carregava o grande sonho de encontrar o paraíso.

Hoje, é fácil constatar no que deu. Claro está que o projeto burguês de acumulação primitiva de capital constituiu-se primeiro e melhor, deixando o que era desejo, possibilida-



Descobrimto do Brasil, Museu Paulista, óleo de Oscar Pereira da Silva.

fragmentado. Utopia é o nome que podemos dar a esse desejo, um movimento de contestação que, não vendo possibilidades de respostas no presente ou neste canto, projeta para outro tempo e/ou espaço a sua desconstrução e reconstrução.

Qual é a relação que podemos estabelecer entre essa discussão apresentada e os 500 anos de descobrimento do Brasil? É que, entre outras coisas, faz meio milênio que a utopia de redimir o velho mundo, a Europa do século XV, começou a tomar corpo, com a transposição do Atlântico e a chegada à América. No nosso caso, há 500 anos que a

de, no campo do imaginário. À guisa de ilustração, pensemos que no Brasil de 2000, a maior tribo é dos ticunas, com 32 mil índios. Há 500 anos, estima-se que, no total, a população indígena beirava os cinco milhões! Paraíso, aqui, não se encontrou, ou, pelo menos, não se conservou.

No limiar de um novo século e do início do terceiro milênio da Era Cristã, exaltar o descobrimento do Brasil — como um aniversário — sem refletir sobre seus desdobramentos parece um ufanismo que, se não provoca o fanatismo que exclui e, no limite, mata o ser estranho à naciona-



lidade, ao menos encobre esses mesmos crimes outrora cometidos em escala dantesca, auxiliando-nos na renúncia de nosso passado e da nossa constituição.

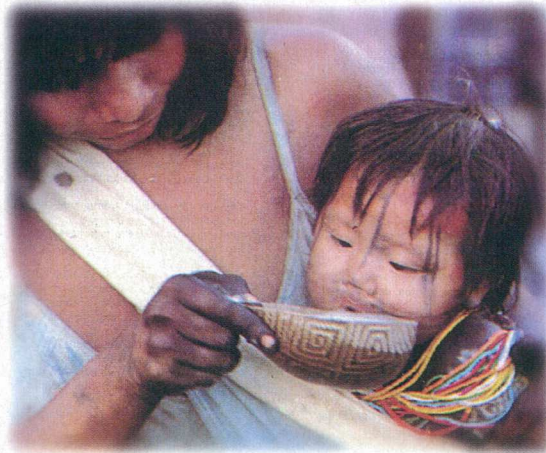
A exclusão que outrora acometeu índios e negros, hoje parece revestir-se de uma capa democrática, pois engloba muito mais etnias. Atinge também os brancos, pois a miséria engloba e massifica os seres numa única perspectiva, a da negação: da escola, do emprego, da justiça, da terra, da saúde, da alimentação, do teto, do vínculo maior e mais estreito com as conquistas da ciência e da cultura.

Segundo Pier Paolo Pasolini², os filhos estão predestinados a pagar pelos pecados dos pais. Não entendamos como os pais biológicos, somente, mas o passado carregado de nossos antepassados, frutos e filhos que somos deles. O passado, muito mais que um amontoado de datas e fatos, representa a nossa gestação, enquanto seres portadores e constituidores de uma cultura, de um modo de relacionar-se com o mundo e suas múltiplas realidades e de responder a

eles. Somos construtores de uma cultura e filhos de outra. Os tótems erigidos por outros homens em um outro tempo presente — o passado — respondem ou justificam pedaços de nossa alma. Posto isso, o feriado ou a data comemorativa poderia nos servir como um momento oportuno para refletirmos sobre até que ponto os símbolos postos em festa perturbam-nos ou nos auxiliam a melhorar o nosso presente — futuro passado. Momento esse também que serve para adentrarmos no templo de nossa forja para, com o espelho do tempo e o significado dos gestos, indagarmos sobre nós próprios.

Ousaria, aqui, colocar, em outras

palavras, a afirmação de Pasolini: há, para o ser humano, duas possíveis heranças, e ambas provêm do passado, essa febre. A herança material, que é seletiva, pois nem todos a recebem, é oriunda de bens acumulados por alguém próximo que deixa a um beneficiário. Trata-se de uma herança que todos querem. Afinal, podemos manipulá-la como melhor nos aprouver: vender, alugar, doar, usar, gastar, destruir, ou, em poucos casos, não aceitá-la. Há, no entanto, uma herança maior, despótica, porque não podemos sequer negá-la, coletiva, pois acolhe a todos nós, mas herança, porque aglutinada antes mesmo de nos-



sa existência física: a herança histórica, ou, a herança do tempo. Falamos uma língua, comunicamo-nos em determinados códigos e nos reconhecemos enquanto sujeitos segundo tradições e conquistas postas anteriormente a nós. Não aceitá-la significa não aceitarmos nossos pais e, em última instância, a nós mesmos.

Se o feriado da independência, entre outras coisas, permite-nos pensar acerca da nossa real (in)dependência, e o da República até que ponto podemos proclamá-la com mais justiça e inclusão, os 500 anos do Brasil sugerem a reflexão acerca de nossa miscigenação e preconceitos; do descobrimento do território e do desapa-

recimento de gentes, outrora o índio, hoje o índio, o negro, as crianças da Candelária, do emprego que não só permite a existência física da pessoa, mas também da sua honra e dignidade, do descobrimento do Brasil, mas também de suas inúmeras covas rasas e coletivas outrora desconhecidas e nunca dantes reveladas.

O fato é que a história — concebida também como o estudo de outros presentes, o tempo — mostra-nos que os encontros humanos não têm sido muito amistosos. Em nome de Nhanderuvucu, para os guaranis, Alá para os muçulmanos, Amon-Rá para os antigos egípcios, Jeová, Deus ou simplesmente Criador para outros, temos perpetrado genocídios onde nações inteiras têm desaparecido, juntamente com modos de vida, costumes, línguas e, em última instância, herdeiros que somos deles, pedaços de nós próprios.

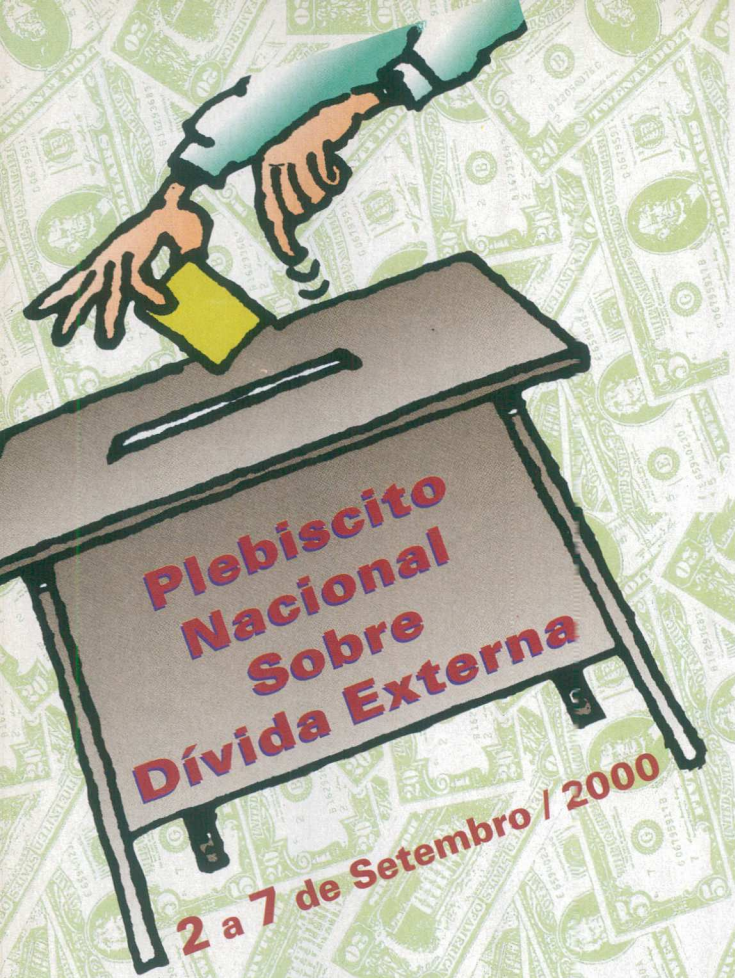
Assim, que o 12 de outubro, para a América, e o 22 de abril, para o Brasil em particular, propiciem para além das festas e

comemorações um resgate mais sincero e menos hipócrita acerca da nossa história, do nosso tempo e da distância que ainda guardamos daqueles pioneiros que aqui enxergaram a possibilidade de reconstrução do mundo.



1. *HOLANDA*, Sérgio Buarque de. *Visão do Paraíso*. 5ª edição. São Paulo, Brasiliense, 1992.
2. *PASOLINI*, Pier Paolo. *I Giovanni Infelici*. In *Lettere Luterane*. Torino, Einaudi, 1976.

Ramon Casas Vilarino: *Bacharelado e Licenciatura Plena em História*, pela PUC/SP. Especializou-se, nessa mesma Universidade, em *História Social*. Atualmente, desenvolve pesquisa, visando o doutorado, com a temática: "*História Política e Cultural no Brasil, nas décadas de 60 e 70*".



Uma consulta ao povo sobre o peso das dívidas externa e interna em sua vida e sobre a soberania do país, retomando o processo da 3ª Semana Social Brasileira e do Tribunal da Dívida Externa. É uma prática de Jubileu, solidária com todos os que lutam pelo cancelamento da dívida externa dos povos empobrecidos.

CNBB/PASTORAIS SOCIAIS — CONIC — CONTAG — CESE — CÁRITAS — CMP — CLUT — FISENGE — IAB — MST — REDE BRASIL

Objetivos

O Plebiscito Nacional tem como objetivo geral consultar a todos os cidadãos brasileiros adultos para que votem e manifestem sua opinião em relação à **situação da dívida externa do Brasil**.

Para isso, propõe-se:

- levar o debate à opinião pública e às bases, possibilitando informações e esclarecimentos para que a população tome consciência de que as dívidas externa e interna são uma das principais causas do aprofundamento das dívidas sociais e ecológicas;
- colocar este tema na pauta das mobilizações popula-

18 ave-maria maio/2000

Campanha Ju Por um milên

res e questionar, a partir da prática, o modelo econômico neoliberal adotado no Brasil, lutando pela recuperação da soberania nacional;

- somar forças e exigir uma auditoria pública das dívidas externa e interna, a suspensão do pagamento da dívida externa e a adoção de controles sobre a política de endividamento.

O que é um plebiscito?

É a consulta aos cidadãos sobre um determinado tema que interessa à vida de todos. Nas sociedades que procuram ser democráticas, esta é uma prática bastante comum, pois ajuda os governos a decidirem segundo a vontade da maioria da população. É uma prática de democracia direta.

Nesse plebiscito, serão instaladas urnas durante uma semana, para que o maior número possível de cidadãos possa votar. Haverá urnas em igrejas, sindicatos, colégios, universidades, estações do Metrô, etc.

Por que um plebiscito nacional?

Vamos propor ao Congresso Nacional que convoque um plebiscito sobre a questão das dívidas externa e interna. Mas, como normalmente nossos governantes não costumam, nem gostam de consultar o povo, o plebiscito nacional de setembro será uma consulta aos cidadãos organizada por pessoas e entidades da sociedade civil. Este plebiscito:

- é **legal**, pois os cidadãos são livres para organizar esse tipo de consulta;
- é **legítimo**, pois a questão da Dívida Externa está carregada de ilegalidades e injustiças, e pesa demais na vida do povo;
- seu poder é **moral**. Não obriga o Estado e o governo a seguirem as decisões votadas, mas põe em julgamento ético e político o Estado e o governo.
- tem grande poder de pressão e democratiza o nosso país.

O que é Dívida Externa?

É todo o dinheiro que foi tomado por empréstimo fora do país, em troca de juros e com garantia de pagamento no

Brasil 2000 sem dívida

final de um prazo definido. Em nosso caso, isso foi feito por governantes eleitos, por ditadores, por empresas estatais, nacionais e estrangeiras. Devia servir para buscar os desenvolvimentos econômico e social. Mas sabe-se que houve muitos desvios e negociações, e dívidas de empresas foram passadas à responsabilidade pública ou têm aval do Banco Central, que se obriga a enviar o pagamento em dólar.

A dívida brasileira tem as seguintes características:

- foi feita sem nenhuma autorização do povo;
- o governo brasileiro contratou empréstimos, aceitando pagar juros variáveis. Por isso, os juros aumentam sempre de acordo com a vontade dos banqueiros credores;
- o Governo vem assumindo, nos últimos anos, a dívida contraída pelas empresas;
- se somarmos os recursos já enviados ao exterior, nos últimos quinze anos, os valores são várias vezes superiores ao que recebemos. Portanto, moralmente a dívida já foi paga;
- a última renegociação foi feita sem uma Auditoria Pública, como determinava a Constituição de 1988;
- nos últimos anos, o governo tem tomado empréstimos apenas para pagar os juros dos empréstimos anteriores. Por causa disto, estamos totalmente dependentes do capital

DATAS IMPORTANTES DESTE ANO

17 de fevereiro de 2000 — difusão do plebiscito entre jornalistas e amigos dos Meios de Comunicação.

Tempo da Campanha da Fraternidade Ecumênica — trabalho de base para ver a ligação entre as dívidas externa e interna e as ameaças à Dignidade Humana e Paz em nosso país, buscando um Milênio sem Exclusões.

Dia 22 de abril de 2000 — participação nas celebrações indígenas, negras e populares BRASIL OUTROS 500 e lançamento do plebiscito nacional.

Dia 25 de julho — promoção do plebiscito junto aos trabalhadores rurais.

Maio a setembro — realização da campanha do plebiscito, com debates, discussões, propaganda, edição de cartilhas, etc...

Dia 2 a 7 de setembro de 2000 — realização do plebiscito em todo o país, encerrando-se no Dia do Grito dos Excluídos.

Secretaria Executiva: Setor Pastoral da CNBB — SE/Sul — Q. 801 Conj. B — Cep 70401-900 — Brasília — DF — Telef.: Oxx 61 313 8300 — Fax: Oxx 61 313 8303 — Correio Eletrônico: psocial@cnbb.org.br

financeiro internacional. Já não somos apenas devedores. Somos, hoje, uma nação ameaçada em sua soberania.

Dívida que ameaça a vida do povo

Em 1994, devíamos 148 bilhões de dólares. Nos últimos quatro anos, pagamos 126 bilhões de dólares — 226 bilhões e 800 milhões de reais. Assim mesmo, ela não parou de crescer. Devemos, hoje, 235 bilhões de dólares.

Isso se deve ao fato de que os empréstimos foram feitos para pagar os custos da dívida, sem entrar nada para investimentos. Além disso, o país importou mais do que exportou, ficando com déficit. A desvalorização do real fez toda a dívida em dólar disparar: precisa-se do dobro de reais para pagar o que devemos. Com isso, cada vez mais se ligam as dívidas externa e interna ao pagamento de juros e encargos dessas dívidas. Estava previsto o custo de 90 bilhões de reais para pagar parcelas e juros das dívidas, mas a desvalorização do real deve elevar esse gasto para mais de 120 bilhões de reais.

Não tenhamos dívida. Cada dólar pago por causa desta dívida aumenta a social. Significa diminuição de seu salário, maior desemprego, castigo aos aposentados, abandono dos povos indígenas, desinteresse pela reforma agrária e pela sorte dos produtores familiares, descuido das cidades, das estradas, das águas, das florestas, abandono da população do Semi-árido, das crianças, do povo da rua, dos idosos, dos doentes, da educação... E significa também maior fragilidade na defesa do que é nosso, favorecendo privatizações a preços generosos, verdadeiras doações.



Ronaldo Mazula

O século I de nossa era marcou o início de uma nova etapa na história da humanidade. Jesus Cristo, o Deus da vida, da bondade, da justiça, torna-se homem, encarna-se no seio da humanidade para torná-la mais divina, mais próxima do projeto da criação, que é um projeto de amor. Como sabemos, a obra de Jesus Cristo, o anúncio e testemunho do reino de Deus, assumida

nasceu no início da nossa era. Foi época marcada pela forte influência da cultura greco-romana sobre vários povos, alcançada com o apogeu do Império Romano. Enquanto isso, na Palestina, o povo de Israel vivia a “*expectativa messiânica*”, período em que os judeus esperavam a vinda do Messias, o enviado de Deus. Anunciado pelos profetas, viria para libertar o povo

contínua do Espírito Santo sobre tantos missionários e anunciadores da mensagem cristã.

Foi nesse contexto que surgiu a pessoa de Matias. Não fez parte do grupo inicial dos Doze e só se tornou conhecido, após a ressurreição de Jesus, mais propriamente, após a ascensão do Senhor. Como é sabido, com o desaparecimento de Judas Escariotes, os apóstolos, fiéis às tradições bíblicas, queriam manter o número dos Apóstolos, que era 12. Liderados por Pedro, conforme o costume da época, promoveram um sorteio entre dois membros da comunidade nascente.

Foi eleito Matias, que era discípulo de Cristo e com o qual certamente teria tido vários contatos. Nada sabemos sobre a sua vida após este fato, narrado no livro dos Atos dos Apóstolos (cf. At 1,15-26). Após servir a Cristo, segundo antiga tradição apócrifa, morreu martirizado sendo, decapitado.

São Matias

apóstolo

como o grande projeto de sua vida, já tinha sido anunciada pelos profetas.

Após a encarnação, vida, morte e ressurreição de Jesus, os apóstolos foram chamados a dar continuidade à instalação e ao anúncio do Reino, a partir da estruturação da Igreja. Matias, como o próprio Cristo e os outros apóstolos,

de Israel de todos os seus inimigos.

O domínio romano fazia crescer no meio do povo uma sensibilidade e abertura maiores para as realidades transcendentes. Isso fez com que se multiplicassem os líderes espirituais. Assim, a Igreja de Cristo, apesar das dificuldades, expandia-se muito pela ação

Na Itália do século XV, viveu um grande santo pregador: São Bernardino de Sena. Foi um período difícil da história da Igreja em função das diversas crises enfrentadas por ela do século XIV ao XVI.

Bernardino nasceu numa nobre fa-

maus costumes de seus contemporâneos, de modo especial, dos nobres e ricos, chamando-os à conversão, ao compromisso e à solidariedade para com os pobres. Foi também um grande propagador da concórdia entre os povos e grande incentivador da devo-

carne do pobre, quando o vê tão maltrapilho e nu, pois a carne dele e a sua são a mesma carne’ (cf. SGARBOSSA, M. – GIOVANNINI, L. *Um Santo para cada dia*. São Paulo, Paulus, 1983, p. 158). Ele morreu em 1444 e foi canonizado seis anos depois, em 1450.

São Bernardino

(1380-1444) - reformador

mília cristã e levou vida mundana até os 22 anos, quando já freqüentava a universidade. Mas converteu-se e entrou na Ordem franciscana tornando-se seu grande reformador. Posteriormente, dedicou-se à reforma eclesial. Criticou muitos erros da Igreja de seu tempo. Voltou-se também, contra os

ção ao nome de Jesus. Seus discursos eram simples e diretos. Tinha “palavras duríssimas para os que ‘renegavam a Deus por uma cabeça de alho’ e pelas ‘feras de garras compridas que ruíam os ossos dos pobres’. ‘Ó você que tem muito agasalho mais do que os plantadores de cebola, recubra a

Em nosso mundo atual, os meios de comunicação e a sociedade realçam idéias e valores que muitas vezes depõem contra a dignidade humana e os bons costumes. Existem pessoas que levam uma vida séria e digna, não sendo reconhecidas por uma cultura ambígua e duvidosa. É neste contexto que pessoas como São Bernardino são valorizadas e se tornam uma instância crítica, sendo modelo de:



A Igreja passa por mudanças constantes e precisa sempre estar aberta ao sopro do Espírito Santo e aos ensinamentos de Cristo. Por isso, é necessário que do meio dela surjam verdadeiros apóstolos e discípulos que sejam modelo de:

- cristãos, que tenham uma profunda experiência de Cristo em suas vidas e façam da mesma um apostolado;
- cristãos, que se integrem totalmente ao projeto missionário de Jesus e sejam capazes de dar a vida pelo nosso Salvador;
- cristãos, que vivendo na fidelidade ao Cristo, anunciem e testemunhem no mundo os ensinamentos cristãos.



• pessoas inseridas na vida social e dispostas a mudar e transformar tudo aquilo que vai contra o projeto de vida querido e desejado por Deus;

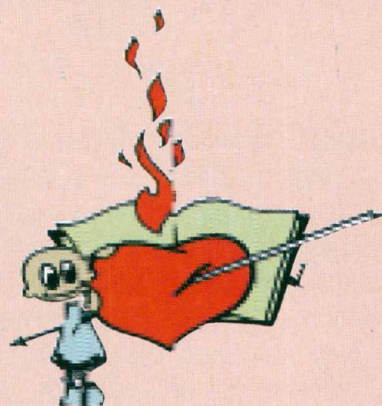
- pessoas que assumam, com consciência e coerência, seus deveres e dêem testemunho de seriedade e amor à verdade;
- religioso consagrado que não se conforma com os erros da Igreja e de suas instituições e procura soluções para a superação das dificuldades;
- cristãos inseridos na vida da Igreja e dedicados ao seu crescimento e fidelidade aos ensinamentos de Jesus Cristo;
- cristãos que sejam portadores de mensagem de auto-crítica à Igreja e aos cristãos, quando estes se distanciam da palavra de Deus.



14 de maio

20 de maio

VENHA SER AGOSTINIANO DU AGOSTINIANA



JOVEM,

O SEU CORAÇÃO ESTÁ INQUIETO?

ENTRE EM CONTATO:

FREIS AGOSTINIANOS

Sem rário Santo Agostinho
BRAGANÇA PAUL STA, SP
Caixa Postal 62
CEP 12 914-370
Tel.: (0 __ 11) 7844-1771

IRMÃS AGOSTINIANAS

Secretariado Vocacional
São Paulo, SP
Rua Eagé, 73
CEP 04 012-140
Tel.: (0 __ 11) 571-8959



João Paulo II na

O Papa João Paulo II, de volta da peregrinação jubilar à Terra Santa, em Israel, explicitou o significado religioso da viagem. Disse o Santo Padre: “Iniciei meu itinerário a partir do Monte Nebo como Moisés... cujo destino era a terra prometida”.

O Papa sugere que caminhemos para uma nova terra e um novo céu, de justiça, fraternidade e paz, fiéis ao Cristo ressuscitado.

DHEISHEH - 22 de março • O Papa faz um apelo durante a visita a um campo de refugiados. — Ele quer maior solidariedade internacional e vontade política para resolver o problema dos refugiados. “Um Deus que, para nos reconduzir à sua casa, fez-se exilado e nômade. Este pensamento, disse o Papa, acompanhou-me enquanto — antes de partir dos Territórios Autônomos Palestinos — eu visitava, em Belém, um dos tantos campos, onde há muito tempo, vivem mais de três milhões de refugiados palestinos. Possa o empenho de todos encontrar finalmente uma solução para este doloroso problema”.

JERUSALÉM - 23 de março • O Santo Padre na Eucaristia no Cenáculo lembra-nos do fundamental mandamento do amor e da unidade. “A recordação de Jerusalém é indelével na minha alma. Grande é o mistério desta cidade, a começar pelo Cenáculo, no lugar mesmo em que Jesus instituiu a Eucaristia”.

JERUSALÉM - 23 de março • Dentro do espírito dos direitos humanos o Papa, em nome da Igreja, condena o anti-semitismo e qualquer forma de racismo. Ao reunir-se com autoridades judaicas ensina-nos a trabalhar por uma nova era de reconciliação e de

Celebração no Cenáculo, local, atualmente reconstruído, onde Jesus teria celebrado a última ceia.



paz. — “Em Jerusalém, cidade santa para judeus, cristãos e muçulmanos, encontrei-me com os dois Grão-Rabinos de Israel, Meir Lau e Mordechai Bakshi-Doron e o Grão-Mufti de Jerusalém. Depois tive um encontro com os representantes das outras duas religiões monoteístas, a judaica e a muçulmana”.



João Paulo II junto ao povo palestino, abençoando pelo esforço em promover a paz e a compreensão entre os povos.

JERUSALÉM - 23 de março • Durante a visita ao Memorial “Yad Vashem”. — João Paulo II quer que a Igreja e o mundo acredite num futuro no qual não haja sentimentos antijudeus entre os cristãos nem anticristãos entre os judeus. — “Em Yad Vashem, Memória do Shoah, prestei homenagem aos milhões de judeus vítimas do nazismo. Mais uma vez expressei profunda tristeza por aquela terrificante tragédia e reafirmei que queremos recordar para nos empenharmos juntos — judeus, cristãos e homens de boa vontade — em destruir o mal com o bem, para percorrermos o caminho da paz”.

JERUSALÉM - 23 de março • O Papa no encontro inter-religioso no Pontifício Instituto “Notre-Dame” insiste que religião e paz devem caminhar juntas. Crença e prática religiosa não podem separar-se

Terra Santa



Oração perante a rocha, sobre a qual Jesus chorou, horas antes da agonia no Horto de Getsêmani.

da defesa da imagem de Deus no homem. — “O encontro ecumênico, que se realizou no Patriarcado greco-ortodoxo de Jerusalém com intensa participação por parte de todos, assinalou um passo importante no caminho para a plena unidade entre os cristãos”.

CORAZIM - 24 de março • Com os jovens junto ao lago de Tiberíades, João Paulo reafirmou a importância e a verdade dos Mandamentos e das Bem-aventuras para os homens do século XX.

O Papa reza junto ao muro das lamentações em Jerusalém e deixa uma carta entre as pedras do monumento.



Monte Nebo, interior da fronteira da Jordânia, de onde Moisés, avistou a Terra Prometida.



NAZARÉ - 25 de março • O Santo Padre na Basílica da Anunciação, aponta o valor da família e da vida. — “A Maria consagra as famílias e confio os esforços dos cristãos por defender a vida... remontando às nascentes do mistério da fé, colocamo-nos de joelhos na gruta da Anunciação em Nazaré, onde no seio de Maria, o Verbo se fez carne e veio habitar no meio de nós”.

JERUSALÉM - 25 de março • O Papa reunido com um grupo de Cônsules-gerais residentes em Jerusalém pede todo o esforço para promover a paz e a compreensão entre povos e nações.

JERUSALÉM - 25 de março • Após a oração no Horto do Getsêmani, aos pés do Monte das Oliveiras, o Santo Padre foi ao Patriarcado greco-ortodoxo. Abre-se ao encontro ecumênico. Na Sala do Trono, com o Patriarca Sua Beatitude Diodoros I, reitera seu pensamento: “Repletos de esperança, façamos deste milênio a era da alegria dos cristãos, reencontrada na unidade”.

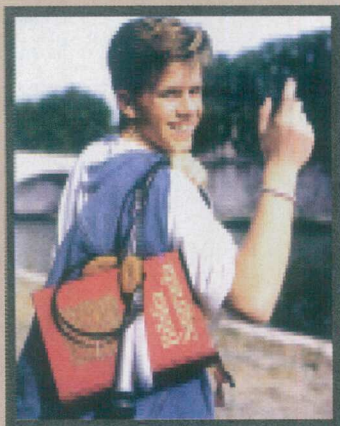
JERUSALÉM - 26 de março • O Santo Padre inclina-se diante do Muro das Lamentações, que conserva os restos dos fundamentos da esplanada do templo de Salomão. É um lugar sagrado do judaísmo. Silêncio e humildade, um gesto comum de oração e de amor.

JERUSALÉM - 26 de março • Na basílica do Santo Sepulcro, o Papa, na missa, professa: “os cristãos podem e devem olhar para o futuro com firme confiança no poder glorioso do Ressuscitado. A ressurreição de Jesus é o selo definitivo de todas as promessas de Deus, o lugar de nascimento de uma humanidade nova e ressuscitada”.

Prece do Papa sobre o rio Jordão, junto ao suposto local do batismo de Jesus.



Fotos gentilmente cedidas pela Secretaria de Turismo de Israel.



Senhor,
que queres
que eu
faça?

Nós, PAULINOS,
acreditamos na
evangelização com os
meios de comunicação.

Jovem, se você deseja
conhecer melhor a vida
e a missão dos Paulinos,
escreva para:

**CENTRO VOCACIONAL
PAULINO**

Caixa postal 173
95001-970 Caxias do Sul, RS
Tel.: (0 __ 54) 229-4555

Rua das Camélias, 640
Chácara Primavera
13087-650 Campinas - SP
Tel.: (0 __ 19) 255-6043

Caixa Postal 2534
01060-970 São Paulo - SP
Tel.: (0 __ 11) 810-3742

Nossa Senhora de Celes

Foque Vicente Beraldi

Esta devoção surgiu em 1686 e foi narrada por Chef-dubois. Na França, certo rapaz, de nome João Astrié, caminhando pelas campinas dos subúrbios do Departamento de Ariège, deparou-se com uma pomba que andava à sua frente, como a indicar um caminho. Aquela cena graciosa o surpreendeu. Por curiosidade quis seguir os passos da avezinha, lembrando que Noé soltou da Arca uma pomba, símbolo da paz, após o Dilúvio. Depois de breve caminhada, em lugar da pomba, ele viu uma jovem vestida de branco que lhe dizia: "Não te assustes, sou Maria, mãe de Jesus. Quero que digas a todos que façam penitência".

João Astrié propagou o fato ocasionando grande comoção entre o povo que ocorreu com muita fé, em procissão. Construíram ali um santuário em homenagem à Virgem de Celes.

Uma fonte de água cristalina, começou a jorrar. Por meio dela, muitos prodígios aconteceram em benefício do povo, principalmente, aos que sofriam males dos olhos.



*Senhor Jesus, que dissestes,
dou-vos a paz,
dou-vos a minha paz,
por intercessão de Maria,
concedei-nos a verdadeira paz
que scis Vós. Aquela paz,
simbolizada pela pomba,
quando Noé a soltou depois do
Dilúvio. Vós que viveis e reinais
com o Pai e o Espírito Santo,
para sempre. Amém.*

*Foque Vicente Beraldi é sacerdote,
missionário claretiano.*

Aliança: um compromisso

A Cristão

Nós observaremos todas as palavras ditas por Javé (Ex 24,3)

Geraldo Araújo Lima

(Continuação)

A Nova Aliança aconteceu por ocasião da última Ceia, no primeiro dia dos Ázimos, quando se imolava a Páscoa (Mc 14,12), no momento em que cada família se reunia para comer o cordeiro pascal, que acabava de ser imolado. Foi naquele momento solene da grande ação de graças, que o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo (Jo 1,29), começou a ser imolado. Imolação que se iria consumir no Calvário.

Ainda mais do que a primeira, esta Aliança deve ser tomada a sério. Para que ela se efetuassem, Alguém teve que morrer. É um compromisso bilateral, que deve ser honrado acima de tudo. Por isso, ao estabelecê-la, Jesus diz: *Fazei isto em minha memória* (Lc 22,19). Coube aos discípulos presentes — como cabe também a todos nós — ratificar: "Faremos tudo o que nos ordenastes!"

Desta maneira, foi instituída a eucaristia. Estamos diante de um mistério grandioso, impossível de ser abarcado. Se tentarmos analisá-lo, se tentarmos delinear a sua anatomia, perderemos o seu encanto, pois os mistérios de Deus não se deixam manipular pela razão e pela ciência.

O embasamento doutrinal da eucaristia encontra-se no capítulo sexto do Evangelho de João. Ali, as palavras de Jesus são peremptórias. Expõem o mistério em toda a sua profundidade, porém sem estender-se em explicações: *Eu sou o pão vivo*

do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo... Se não comerdes da carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós (Jo 6,51-53).

Ouvindo isto, os judeus, os discípulos, os apóstolos não entenderam. Não faltou quem questionasse, murmurasse e considerasse tais palavras duras demais. Muitos até preferiram voltar atrás e não acompanhar mais o Mestre. Este, no entanto, não arredou o pé; não deu nenhuma explicação; não satisfez nenhuma curiosidade. Foi até muito incisivo com os Doze: *Não quereis também vós partir?* (Jo 6,67).

Vendo isto, qual deve ser a nossa atitude diante da eucaristia, se não podemos entendê-la e ninguém pode explicá-la? A nossa atitude deve ser

***Eu sou o pão vivo do céu. Quem comer deste pão viverá eternamente. O pão que eu darei é a minha carne para a vida do mundo... Se não comerdes da carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós* (Jo 6,51-53).**

aquela de Pedro: *Senhor, a quem iremos? Tens palavras de vida eterna e nós cremos e reconhecemos que tu és o Santo de Deus* (Jo 6,68-69). Isto basta! Na verdade, uma palavra de vida eterna é capaz de dizer: *Isto é o meu corpo*; e é corpo mesmo, e pronto! Não interessa se eu entendo ou não; não há problema. Porque, se eu só aceitasse as coisas que entendo, eu teria que me descartar de muitas que me rodeiam. Por exemplo: um órgão eletrônico moderno, um televisor em cores, um computador, a própria eletricidade... se eu só permitisse ligá-los depois de os haver compreendido inteiramente, por certo haveria de morrer sem jamais utilizá-los. E que perda isso representaria em minha vida!

Por isso, Pedro não procura saber nada: prefere fazer um ato de fé naquela Palavra de vida eterna, que

A libertação de São Pedro, Vaticano. Raffaello, 1483-1520.



tudo sabe e tudo pode. É uma lição para nós, que ficamos elaborando processos mentais, raciocinando a todo momento, buscando lógica, sem sairmos do lugar, porque, sem a aceitação incondicional dada pela fé, não sabemos para onde ir. É linda a espontaneidade de Pedro: *Nós cremos e sabemos...* Mas, o que é que ele sabe? Nada, e tudo! Sabe apenas que Cristo é o Santo de Deus. Tudo o mais fica por conta do Mestre. Pedro acredita: *e ao que crê, tudo é possível* (Mc 9,23). Com tal fé, simples e autêntica, Pedro não está à deriva como milhões de pessoas que não sabem a quem ir.

De minha parte, afirmo com muita humildade que toda a minha vida espiritual se centra na eucaristia. E não é apenas porque sou sacerdote


consagradas no sacrário. É lá que temos um Deus prisioneiro de amor, permanentemente à nossa espera e à nossa disposição; como se, em cada sacrário, houvesse uma Marta segredando aos ouvidos de Maria: *O Senhor está aqui e te chama!* (Jo 11,28).

Santo Tomás de Aquino foi um homem de uma atividade intelectual impressionante. Numa época tão difícil de se trabalhar, produziu uma obra de tamanha profundidade que até agora não foi suplantada na Igreja. Não obstante toda a sua intensíssima atividade intelectual, encontrava tempo para passar horas diante do Santíssimo. Inclusive, encontrava tempo para três missas diárias: assistia a uma primeira como preparação para segunda, que ele próprio ia

fãos, doentes, etc. — dedicava quatro horas por dia para estar diante do sacrário. Daí se entender por que produziu tanto! Não é que o seu dia tivesse mais de 24 horas; mas sim porque o seu dia tinha quatro horas para o sacrário. A fecundidade das outras horas provinha dessas quatro, passadas diante do sacrário. Parece um contra-senso, mas é a realidade.

A propósito disso, escreve São João da Cruz: "Considerem aqui os que são muito ativos, e que pensam abarcar o mundo com suas pregações e obras exteriores: bem maior proveito fariam à Igreja, e maior satisfação dariam a Deus — além do bom exemplo que proporcionariam a si mesmos, — se gastassem ao menos a metade do tempo empregado nessas boas obras, em permanecer com Deus na oração" (Cant. 29,3). Com certeza, estas palavras seriam endossadas por Santa Teresa, Teresa de Calcutá ou João XXIII.

Foi diante do sacrário que João XXIII concebeu a idéia de convocar o concílio Vaticano II. Foi diante do sacrário que Santa Teresa de Ávila concebeu a idéia e o plano do mais perfeito dos seus livros, o "Castelo Interior", o qual ainda hoje, depois de mais de 400 anos, é uma jóia de literatura espiritual.

É no sacrário, — a terceira dimensão da eucaristia — que o homem, mesmo não entendendo nada deste mistério, encontra a plenitude da vida e a certeza de que um Deus prisioneiro lhe indica o caminho por onde ir. Esta é a nova e eterna aliança com que nós cristãos estamos comprometidos. Na Arca da Aliança estavam guardadas as palavras em pedra; no sacrário das nossas igrejas está guardada a Palavra transformada em pão. 

Geraldo Araújo Lima é sacerdote, mestre em Teologia Bíblica; prior dos Frades Carmelitas (Piedade) Jabotão do Guararapes, PE.

A libertação de São Pedro, Vaticano. Raffaello, 1483-1520.



Pedro não procura saber nada: prefere fazer um ato de fé naquela Palavra de vida eterna, que tudo sabe e tudo pode. É uma lição para nós, que ficamos elaborando processos mentais, raciocinando a todo momento, buscando lógica, sem sairmos do lugar, porque, sem a aceitação incondicional dada pela fé, não sabemos para onde ir.

ou frade carmelita, não. Antes de tudo sou cristão, e toda a espiritualidade cristã se fundamenta na eucaristia! Assim o fizeram e fazem todos os santos, mortos ou vivos.

A eucaristia se nos apresenta de uma tríplice maneira: primeiramente como sacrifício da missa; depois, numa dimensão mais restrita, como a comunhão sacramental; finalmente, como a conservação das hóstias

celebrar; e assistia a uma terceira em ação de graças pela que havia acabado de celebrar. Foi com tal fervor eucarístico que ele compôs o ofício litúrgico de "Corpus Christi".

São Vicente de Paulo, aquele homem de uma atividade social não menos impressionante, que fundou os lazaristas, os vicentinos, as Irmãs da Caridade — congregações todas voltadas para a assistência aos meninos de rua, velhos, ór-

VIDEIRA E RAMOS

5º domingo da Páscoa

21 de maio de 2000

INTRODUÇÃO

Somente unidos a Cristo, como galhos à parreira, poderemos produzir frutos do Espírito Santo. Para crescer, os ramos, unidos à videira, passam por obstáculos como a falta de chuva, a geada que lhes queima as folhas, e são podados. Mas é dessa maneira que aparecem os belos cachos de uva.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura At 9,26-31

Este texto dos Atos dos Apóstolos narra a volta de Paulo a Jerusalém. Depois da conversão, procurou, de todas as formas, entrar em comunhão com os irmãos de fé e não desanimou diante da desconfiança e das suspeitas.

Importava-lhe estar unido ao corpo místico de Cristo, formado pelas comunidades, cujo centro visível de referência e de unidade era, na época, a Igreja de Jerusalém, chefiada por Pedro.

Às vezes, também podemos encontrar dificuldades para permanecer em comunhão com os irmãos da nossa comunidade. Haverá incompreensões, contrariedades e até divergências. Nessas ocasiões, pode passar-nos pela cabeça a tentação de abandonar tudo e seguirmos outro caminho por conta própria. Devemos então nos lembrar de que a diversidade de opiniões é mais difícil do que a uniformidade de um só bloco. Exige maior maturidade, maior capacidade de diálogo, mais respeito e amor. Por isso mesmo é mais fecundo.

Após aquele difícil impacto com os novos irmãos de fé, logo começou para Paulo um sério conflito com os membros mais fanáticos do seu povo, que procuraram até matá-lo. Consideravam-no herege, traidor da fé e das tradições dos antepassados. A partir daí, o Apóstolo enfrentou, com coragem, seguidas perseguições por amor de Jesus Cristo. Não obstante tudo isso, por motivo algum, renunciou à unidade.

2ª leitura 1Jo 3,18-24

A presença da vida divina em nós é comparada por Cristo com a videira e seus ramos. Podemos, talvez, perguntar-nos se estamos, ou não, unidos a Cristo. Somos ramos cheios de seiva ou galhos secos e separados do tronco?

Nesta leitura, temos a resposta. É-nos dado um sinal evidente para verificarmos a presença, do Espírito em nós: as obras do amor. Isso está manifesto nas palavras de São João: Quem possuir bens deste mundo e vir o seu irmão sofrer necessidade, mas lhe fechar o seu coração, como pode estar nele o amor de Deus? E conclui: Meus filhinhos, não amemos com palavras, nem com a língua, mas por atos e em verdade (cf. 1Jo 3,17).

O sinal, portanto, de que em nós está presente o espírito de Cristo, não são as palavras vãs, mas as obras concretas em benefício do ser humano. Isso vale para nós e também para aqueles que ainda não chegaram ao conhecimento de Cristo.

Evangelho Jo 15,1-8

Embora nesta parábola o povo cristão esteja apresentado sob a imagem agrícola da vinha, a insistência do evangelho é sobre nossa união, com Cristo. Isso explica a redução da imagem da vinha à de uma única videira.



Inicialmente, Jesus se apresenta como a videira verdadeira.

Por quê? Haverá uma videira falsa?

O profeta Isaías tinha-se referido aos cuidados que o Senhor teve com a vinha, que significava, então, o povo hebreu (cf. Is 5,5-7). Mas, quando foi colher as uvas, ficou decepcionado, porque eram amargas.

Israel revelara-se uma videira falsa. Deus, o vinhateiro, foi obrigado a abandonar-lá. Permitiu que fosse destruída e plantou outra em seu lugar.

Jesus é a nova videira, a autêntica, capaz de produzir frutos que parte de Israel não produziu: a justiça, a retidão, o amor. Foi plantada, quando o Pai resuscitou Jesus.

Mas a videira não é formada só pelo tronco. Há também os ramos e são estes que produzem os frutos. Jesus é o tronco e nós, seus discípulos, somos seus ramos. Ele continua produzindo frutos que agradam ao Pai, por meio dos cristãos de nossas comunidades.

Não é possível haver união com Cristo, sem união com os irmãos. Estes são os membros de nossa família, de nosso trabalho ou de nossa comunidade. São santos, é verdade, mas ainda muito fracos, muito pecadores, como nós.

REFLEXÃO

Diante das provações a que todos somos submetidos, já não fomos tentados a abandonar a única videira, Cristo e sua Igreja? Estamos convencidos de que, se amarmos, de fato, os irmãos, nada deveremos temer por nossas misérias?

AMOR E AMIGOS

6º domingo de Páscoa

28 de maio de 2000

INTRODUÇÃO

O amor ao ser humano deve sempre ser o ponto de referência em todas as escolhas morais, todas as disposições, todas as leis. Se houver alguma norma que não leve em conta o bem do homem, perderá seu valor.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura At 10,25-26.34-35.44-48

Para nós o fato de um pagão ser batizado não apresenta qualquer problema. Da mesma forma, não entendemos por que o espanto diante da idéia de que Deus não faz acepção de pessoas.

Para os primeiros cristãos, porém, as coisas não eram tão simples. Como os judeus, eles também pensavam que Deus fazia distinção entre os homens, que preferia mais os descendentes de Abraão do que os demais.

Foi o Espírito Santo quem subverteu esses esquemas ditados por supostos privilégios raciais. Desceu sobre os pagãos, antes mesmo que eles recebessem o batismo. O seu dinamismo foi irresistível e testemunhou a liberdade do amor sem condições de Deus que alcança também aqueles que não pertencem à Igreja como instituição.

Também em nossos dias há o perigo das discriminações. Nem sempre tratamos as pessoas da mesma maneira, independentemente da raça à qual pertençam, da preparação intelectual que tenham, do dinheiro, dos diplomas acadêmicos que possuam.

Nem sempre aceitamos os que manifestam alguma idéia diferente das

nossas. Ainda acontece com frequência distinguirmos entre os “bons” (ou os que talvez consigam somente esconder melhor do que os outros as próprias fraquezas) e “os maus”, os que falharam muitas vezes na própria vida, e que muito precisariam não sentir-se condenados.

2ª leitura 1Jo 4,7-10

Somos todos filhos de Deus. Sendo assim, devemos ser semelhantes a ele. Mas Deus quem é? Quando podemos dizer que somos semelhantes a ele?

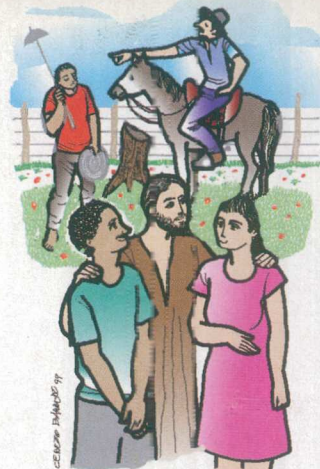
Para os judeus do tempo de Jesus, ele era acima de tudo um juiz que tomava nota de todas as ações dos homens, boas e más, para, em seguida, recompensar ou castigar. Se na verdade ele fosse assim, para sermos semelhantes a ele, também deveríamos começar a julgar, a distinguir entre bons e maus: é fácil imaginar quais seriam as consequências da imitação de um tal Deus.

São João nos apresenta um Deus bem diferente de um juiz: *Amemo-nos uns aos outros, porque o amor vem de Deus: todo aquele que ama, é gerado por Deus e conhece Deus. Quem não ama não conheceu Deus, porque Deus é amor.*

O amor é a vida de Deus e é este amor que ele comunica aos seus filhos. Quem ama, mesmo sem ser batizado, tem em si a vida de Deus: é seu filho. Portanto, são nossos irmãos, filhos do único Pai, todos aqueles que amam e se sacrificam pelo ser humano, mesmo que seus nomes não constem nos registros de nenhuma comunidade cristã.

Evangelho Jo 15,9-17

Quando o evangelista João escreveu o seu discurso, o Mestre já tinha passado pela sua paixão e morte, ressuscitado e entrado na glória do Pai.



Já tinha cumprido o “mandamento novo” e amado até a doação da própria vida! Eis por que o mandamento já não é “novo”, mas é o mandamento dele.

A medida do amor ao próximo já não é a indicada no Antigo Testamento: “como a ti mesmo” (cf. Lv 19,18), mas “como eu vos tenho amado”. E, com essa expressão, Jesus só pode referir-se ao amor supremo que manifestou na cruz.

O evangelho de hoje, portanto, não deve ser lido como um registro exato das palavras que ele pronunciou durante a última ceia, mas como o discurso que Jesus Ressuscitado dirige, hoje, do céu, para todos nós.

Jesus chama os seus discípulos pelo nome de “amigos”, porque os escolheu para serem seus colaboradores na execução do plano do Pai. Se a comunidade cristã é constituída por “amigos”, então devem ser excluídos os relacionamentos de superior-súdito, patrão-empregado, mestre-discípulo. Todos os seus membros estão no mesmo patamar, todos desfrutam a mesma dignidade.

O amigo sente-se feliz quando pode prestar alguma ajuda, e nunca pede uma remuneração pelo serviço prestado, não tem segredos!

REFLEXÃO

Discriminamos as pessoas? Ou tratamo-las todas da mesma maneira? Servimos de sinal da ternura de Deus para os que não crêem? Portamos-nos como “amigos” de Cristo, se observarmos os mandamentos só para receber recompensa? ■

NOVA PRESENÇA DE JESUS

Ascensão do Senhor

4 de junho de 2000

INTRODUÇÃO

Ao afirmar, após sua ressurreição: *Eu estou convosco todos os dias, até o fim do mundo*, Jesus nos garante um novo tipo de presença em nossas vidas. Com sua força, prepararemos sua volta gloriosa.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura At,1-11

Parece pouco plausível que Jesus tenha se comportado como um astronauta que se afasta da Terra, eleva-se em direção ao céu e desaparece entre as nuvens. O que, de fato, aconteceu foi que, com sua ascensão, inaugurou uma nova presença entre nós.

Jesus, com o qual os Apóstolos comeram e beberam, durante sua existência terrena, tornou-se Senhor da Vida, depois de sua morte.

Cristo ordenou a seus discípulos para não se afastarem de Jerusalém, mas esperarem ali o dom do Espírito. Lá, apareceu-lhes e os enviou para ensinar todas as nações, prometendo-lhes estar com eles, todos os dias, até o fim do mundo.

É esta verdade que professamos, quando rezamos: "Ressuscitou, subiu aos céus, está sentado à direita do Pai".

Mas, de fato, está presente entre nós e anda conosco em nossas vidas, em casa, no trabalho, na rua e em toda parte. Convida-nos, a cada momento, a dar testemunho da sua ressurreição com a novidade de nosso comportamento.

A ressurreição de Jesus marcou o

início do reino de Deus, mas não a conclusão da história. A construção do mundo novo apenas começou, exigirá de nós muito tempo e muitos esforços.

2ª leitura Ef 1,17-23

A primeira leitura convidou-nos a não nos descuidarmos das obrigações concretas de cada dia. A segunda completa esse pensamento e nos exorta a não nos esquecermos de que nossa vida não está limitada aos horizontes deste mundo.

Paulo roga a Deus que dê sabedoria aos cristãos da comunidade de Éfeso. Não se trata, porém, de uma sabedoria humana, mas sim de inteligência para compreenderem o mistério da Igreja.

Esta é o corpo místico — que somos nós — e do qual Cristo é a Cabeça. Dessa maneira, a ascensão de Jesus é também nossa. Somos, pois, convidados a elevar-nos até a glória em que nossa Cabeça já está.

Dessa maneira as duas primeiras características de Cristo, a saber, ressurreição e ascensão, já são misticamente realizadas em nós, cristãos!

Daí, São Paulo pedir a Deus para iluminar os olhos do nosso coração para que compreendamos quão grande é a esperança para a qual fomos chamados.

Evangelho Mc 16,15-20

Os Apóstolos estavam acostumados a conviver de forma visível com Jesus. De repente, viram-se sozinhos e diante de uma missão muito superior às suas forças. Para responder a essa perplexidade em que estavam os primeiros cristãos (e também nós!), São Marcos escreveu este trecho.

Jesus ordena que vão por todo o mundo e proclamem o evangelho a toda a criatura. Esta ordem de Jesus é sur-



preendente porque os destinatários do evangelho são os homens, não as árvores, as montanhas, as estrelas. Como podem as criaturas inanimadas ser atingidas pelos benefícios da salvação? Quem as está mantendo na escravidão, para também serem libertadas?

Somos nós! O homem que se deixa guiar pelo incontrolável impulso para o mal, que sente dentro de si, sempre provoca uma desorganização no projeto de Deus sobre a criação.

Movido pelo egoísmo, pela ganância de poder e de domínio, pela desenfreada procura do prazer a qualquer custo, usa o ferro para produzir armas mortíferas em vez de enxadas, machados, arados, tratores. Abusa da sexualidade. Para satisfazer seus caprichos destrói florestas, causando o desaparecimento das espécies animais, contamina os rios e envenena os frutos da terra, facilitando a propagação de doenças! É dessa forma que toda a criação fica submetida à escravidão do pecado e da corrupção.

Tocados pela mensagem do evangelho, transforma-se nosso coração e começamos a nos servir das criaturas para uma vida fraterna e pacífica.

REFLEXÃO

Acreditamos que Deus nos garantiu estar sempre conosco? Estamos conscientes desse grande projeto de salvação de todas as criaturas? Entendemos que o respeito pela natureza faz parte das exigências morais de nossa fé? ■

O ESPÍRITO SANTO É A NOVA LEI

Solenidade de Pentecostes

11 de junho de 2000

INTRODUÇÃO

O Espírito Santo, terceira pessoa da Santíssima Trindade, é a nova lei para nós. É a força que, partindo do íntimo do coração, impele-nos à prática do bem.

O Espírito é a fonte da unidade. Derruba todas as barreiras. Aonde quer que chegue, elimina o pecado.

LEITURAS BÍBLICAS

1ª leitura At 2,1-11

Uma interpretação literal do que acabamos de ler não só seria ingênua, mas nos levaria a perder completamente o conteúdo que o autor nos quer transmitir.

Notemos que, no evangelho de hoje, João, ao narrar o mesmo fato, conta-nos que Jesus comunicou o Espírito aos Apóstolos no mesmo dia de sua ressurreição (cf. Jo 20,22).

Na verdade, o mistério pascal é único. Portanto, morte, ressurreição, ascensão e o dom do Espírito aconteceram simultaneamente. Para nossa melhor compreensão, porém, os autores acharam por bem desdobrar o mistério pascal em múltiplos aspectos.

Assim, João fala da efusão do Espírito no dia da páscoa para nos ensinar que o Espírito é dom do Ressuscitado. Já Lucas coloca o dom do Espírito Santo coincidindo com a festa de pentecostes dos judeus, porque por aquela festa os hebreus recordavam a entrega dos Dez Mandamentos a Moisés.

Lucas quis ensinar, então, que o Espírito tinha substituído a Lei antiga e se tornara a nova Lei para nós.

Os Dez Mandamentos continuariam valendo, mas como a maioria do povo hebreu obedecia da boca para fora e seu íntimo continuava ruim, Deus, então, decidiu mudar o coração do seu povo. E, para isso acontecer, enviou o Espírito Santo.

A lei do Espírito é o coração novo, é a vida de Deus que, quando penetra em nós, transforma-nos, fazendo-nos obedecer aos mesmos mandamentos, mas com amor!

2ª leitura 1Cor 12,3b-7.12-13

Nesta leitura, Paulo põe em relevo as conseqüências da presença do Espírito em nós e na comunidade.

Os diversos dons com que nos enriqueceu o Espírito Santo devem-nos levar a servir à comunidade e não a criar competição com os outros. O Apóstolo sintetiza essa verdade escrevendo: *Cada um recebe o dom de manifestar o Espírito para a utilidade de todos* (v. 7).

Caso contrário, o uso dos dons dentro da comunidade (igreja, família, ambiente de trabalho) em vez de nos dar oportunidade de servir, transforma-se em instrumento para nos impormos aos demais e para nos promovermos.

Cada membro deve cumprir a sua função para o bem de todo o organismo. Os dons que possuímos (entregues por Deus) devem servir para que possamos manifestar aos outros o nosso amor, mediante a prestação humilde de serviço.

Evangelho Jo 20,19-23

O mesmo Espírito Santo que os apóstolos receberam de Jesus, teve acolhida em nós pelo batismo.

Ao examinarmos a nossa vida, po-



rém, provavelmente temos de admitir que praticamos injustiças, alimentamos ódios, que, enfim, praticamos o mal, como antes do batismo ou como se não tivéssemos sido batizados.

Ficamos, então, desiludidos, porque esperávamos uma transformação imediata, milagrosa, retumbante como a dos Apóstolos.

O Espírito, porém, não age dessa maneira. Desenvolve-se como uma pequena semente, plantada em nosso coração. Cresce lentamente, sem estardalhaço.

Toda a nossa vida de cristãos está, portanto, sob o sinal do Espírito que recebemos no batismo e na crisma. Aos poucos, iremos amadurecendo os frutos do Espírito que são amor, paz, alegria, paciência, espírito de serviço, bondade, confiança nos outros, mansidão, autodomínio (cf. Gl 5,22). O que destrói o pecado numa pessoa é a presença do Espírito. Quem recebeu este dom não deve, porém, guardá-lo para si, deve comunicá-lo aos outros homens. Onde este Espírito entra, o pecado é destruído.

REFLEXÃO

É com amor que obedecemos aos mandamentos de Deus?

Como nos comportamos, se recebemos de Deus dons especiais? Vangloriamos-nos disso? Ou colocamos a serviço dos outros? ■

LEITURAS LITÚRGICAS PARA OS DIAS DE SEMANA DE JUNHO

6ª SEMANA DA PÁSCOA

- 1º - quinta:** At 18,1-8 = Jesus é o Messias. Jo 16,16-20 = Logo já não me vereis; mas a vossa tristeza se transformará.
2 - sexta: At 18,9-18 = Muitos acreditaram e foram batizados. Jo 16,20-23a = Vossa tristeza se transformará em alegria.
3 - sábado: At 18,23-28 = Jesus é o Messias. Jo 16,23b-28 = Deixo agora o mundo e volto para o Pai.

7ª SEMANA DA PÁSCOA

- 5 - segunda:** At 19,1-8 = Dom do Espírito Santo aos recém-batizados de Éfeso. Jo 16,29-33 = Fé dos discípulos; Jesus, vencedor do mundo.
6 - terça: At 20,17-27 = Por inspiração do Espírito, Paulo despede-se dos anciãos, em Éfeso! Jo 17,1-11a = Oração sacerdotal de Jesus: Pai, é chegada a hora...
7 - quarta: At 20,28-38 = Adeus, Éfeso. O Espírito vos constituiu bispos: cuidai do rebanho. Jo 17,11b-19 = Jesus roga ao Pai em favor dos seus discípulos.
8 - quinta: At 22,30; 23,6-11 = Sou julgado por causa da ressurreição dos mortos. Jo 17,20-26 = Jesus reza pela união de todos os que creem.
9 - sexta: At 25,13-21 = Festo: um tal Jesus, já morto, Paulo o afirma estar vivo. Jo 21,15-19 = Profissão de amor de Pedro: Senhor, tu sabes que te amo!
10 - sábado: At 28,16-20.30-31 = Paulo, em Roma, preso por causa da esperança de Israel. João 21,20-25 = Destino de Pedro (Segue-me) e do discípulo amado (Fique!).

11ª SEMANA DO TEMPO COMUM

- 19 - segunda:** 1Rs 21,1-16 = Assassinio de Nabot. Mt 5,38-42 = Não resistir ao mau; atender ao necessitado
20 - terça: 1Rs 21,17-29 = Elias anuncia o castigo de Acab e Jesabel. Mt 5,43.48 = Amar o próximo, mas também amar os inimigos.
21 - quarta: 2Rs 1,6-14 = Elias é arrebatado ao céu. Mt 6,1-6.16-18 = Esmola, oração, jejum, tudo sem ostentação.
22 - quinta: *Smo. Corpo e Sangue de Cristo.* Ex 24,3-8 = Conclusão da primeira aliança com aspersão de sangue. Hb 9,11-15 = O sangue de Cristo, vítima sem mácula, purifica-nos. Mc 14,12-16.22-26 = Instituição da Eucaristia, sangue da nova aliança.
23 - sexta: 2Rs 11,1-4.9-18.20 = Morte de Atalia rainha de Judá. Mt 6,19-23 = Tesouro do céu; olho são.
24 - sábado: Natividade de São João Batista. Is 49,1-6 = Humilhação e triunfo do servo. At 13,22-26 = Somos testemunhas de Jesus e de sua ressurreição. Lc 1,57-56.80 = Nascimento de João Batista.

10ª SEMANA DO TEMPO COMUM

- 12 - segunda:** 1Rs 17,1-6 = O profeta Elias anuncia a seca. Mt 5,1-2 = Bem-aventuranças.
13 - terça: 1Rs 17,7-16 = Elias em casa da viúva de Sarepta. Mt 5,13-16 = Sal da terra e luz do mundo.
14 - quarta: 1Rs 18,20-39 = Elias contra os profetas de Baal. Mt 5,17-19 = Jesus completa, realiza a Lei.
15 - quinta: 1Rs 18,41-46 = O profeta Elias reza, e cai uma chuva do céu. Mt 5,20-26 = Não desejar mal ao próximo, nosso irmão.
16 - sexta: 1Rs 19,9a.11-16 = Elias encontra-se com Deus no monte Horeb. Mt 5,27-32 = Perfeição do amor conjugal: não cometerás adultério...
17 - sábado: 1Rs 19,19-21 = Vocação de Eliseu por parte do profeta Elias. Mt 5,33-37 = Dizer a verdade e não jurar.

12ª SEMANA DO TEMPO COMUM

- 26 - segunda:** 2Rs 17,5-8.13-15a.18 = Fim do reino de Israel; causas da ruína. Mt 7,1-5 = Palha no olho dos outros, trave no próprio olho.
27 - terça: 2Rs 19,9b-11.14-21.31-35a.33 = Deus salva Jerusalém sitiada. Mt 7,6.12-14 = Pérolas aos porcos, porta estreita, fazer o bem aos outros.
28 - quarta: 2Rs 22,8-13; 23,1-3 = Descoberta de um livro da Lei; reforma do culto. Mt 7,15-20 = Guardai-vos dos falsos profetas!
29 - quinta: 2Rs 24,8-17 = Joaquim capitula diante de Nabucodonosor. Mt 7,21-29 = Não basta dizer: Senhor, Senhor; casa edificada sobre bom e mau alicerce.
30 - sexta: *Sagrado Coração de Jesus.* Cs 11,1.3-4.8c-9 = O amor incansável de Deus prevalecerá. Ef 3,8-12.14-19 = Súplica para compreender o amor de Jesus Cristo. Jo 19,31-37 = Do lado, saiu sangue e água.

Alcoolismo, uma outra face

Sônia Mannelli

Sônia Mannelli vai dividir o espaço com Donald Lazo nesta seção, cada um buscando enfoques diferentes nesta área importantíssima, e de efeitos tão devastadores, como é o alcoolismo. Sônia Mannelli é terapeuta, trabalha na área de dependência química, há 34 anos. Colaborou com o 1º Grupo de Alcoólicos Anônimos em São Paulo; foi co-fundadora dos Grupos Familiares Al-Anon no Brasil com Lygia Santos. Em 1971, na Igreja da Consolação, São Paulo, iniciou a Irmandade de Neuróticos Anônimos no Brasil, precursora dos atuais grupos de Narcóticos Anônimos, Toxicômanos Anônimos). Fez cursos de extensão na Argentina, Costa Rica e Estados Unidos. Em 1978, a convite do médico argentino dr. Jaime Braver (falecido) desenvolveu um dos primeiros ambulatórios para recuperação de dependentes químicos em São Paulo, a Reindal. Dois anos mais tarde, estendeu-se para uma chácara em Santo Amaro onde sempre coordenou o "Centro Residencial de Tratamento", conhecido hoje como Casa Bethany. Tem como colaboradores, atuantes há 15 anos, o terapeuta João de Villalobos e dr. Nelson Narkevics.

OS FILHOS

Crianças da rua... muitas sem família, sem casa, sem rumo.

Crianças de rua, emocionalmente perturbadas, sem casa para abrigar-se e vida escolar regular. Fazem parte do maior número das que vivem no abandono: física, emocional e espiritualmente. Sem condições de avaliar situações de vida.

Outro dia, às 23h30, telefonou-me para a Clínica que dirijo, um garoto de 11 anos. Queria falar com o pai, internado para um processo de recuperação. O diálogo que se seguiu foi:

— Quero falar com meu pai.

— Bem, sinto muito, mas, a não ser em caso de emergência, hoje não poderá falar com ele. Do que se trata, posso ajudar?

— Eu queria dizer que é preciso pagar a escola porque está com a mensalidade atrasada.

— Bem... mas veja, seu pai está

doente emocionalmente. No momento não seria bom trazer-lhe mais preocupações. Você já falou com sua mãe?

— Sim...

— E o que ela achou?

— Ela disse que não tem nada com isso...

Como será que está esse menino de 11 anos? Tem um problema. O pai é alcoólatra, sem condições de cuidar das responsabilidades do lar; e a mãe, segundo o menino, respondeu-lhe... "eu não tenho nada com isso"... Quem cuidará das necessidades desse menino? Só Deus sabe...

Psicologicamente, como ficam as suas emoções, em termos de percepção dos valores da vida? O que

é certo? O que é errado? Quem é responsável pela dinâmica de conduzir uma casa? Qual é o conceito de família para aquele menino? Qual o papel de cada elemento do núcleo familiar?

Este é o quadro típico de uma família desestruturada, onde um dos cônjuges é "dependente químico". E já que ninguém cuida de ninguém, o melhor lugar é a rua, na casa dos colegas de escola, ou jogando bola no campinho próximo. Ele é menino de rua.

O dependente químico em especial (alcoólatra, drogadito), casado, promove uma vida familiar onde reina confusão, temor, solidão.

Os filhos convivem num ambiente de insegurança devido às constantes mentiras inventadas pelo alcoólatra, para safar-se das conseqüências funestas de seu beber, muitas vezes envolvendo até membros da família. O alcoólatra por exemplo, diz que faltou dois ou três dias ao serviço porque foi socorrer a família de uma pessoa que faleceu numa outra cidade, etc...

Fidelidade dividida é outro aspecto





to crucial para as crianças, quando presenciam as brigas entre os pais. Por exemplo, o pai alcoolizado diz que a esposa é péssima dona de casa, que deveria ir embora... e a mãe por sua vez, retruca que jamais deveria ter-se casado com ele.

As conseqüências, em termos emocionais afetivos, são dramáticas. Esses jovens, em geral, são de difícil relacionamento. Frequentemente mantêm sentimentos negativos sobre si próprios. Desenvolvem por isso comportamento impulsivo na resolução de situações da vida. Sofrem terrivelmente com a interpretação errônea de suas atitudes, feita por pessoas que desconhecem suas dificuldades. Assim, perdem opções de vida, que lhes trariam um futuro mais feliz.

As crianças que vivem ou viveram num lar conturbado pelo alcoolismo do pai ou da mãe geralmente mantêm uma baixa auto-estima. Algumas julgam-se impiedosamente, determinando para si uma conduta irreprovável muito rígida com tendência ao perfeccionismo. Mantêm sentimentos de solidão, ainda que aparentemente dêem sinais de estarem perfeitamente bem-relacionados no ambiente social.

Dependendo da falta de suporte psicológico, são prejudicadas pela vulnerabilidade a que estão expostas; não distinguem bem entre o certo e o errado em suas atitudes ou na de outros. No entender delas, tudo que acontece é normal e pode facilmente ser manipulado pelos outros.

Estatísticas nos Estados Unidos, dizem que uma, em cada quatro crianças, sofre abusos no lar ou fora dele. Essas crianças ou jovens são extremamente leais a pessoas que lhes

são desleais; o que lhes causa grandes decepções.

Os sentimentos desses jovens adolescentes mesclam-se num misto de culpa, abandono e finalmente de injustiça.

Primeiramente, quando ainda pequenos, até 11 anos de idade mais ou menos e sem saberem avaliar bem as situações de agressões entre os pais, crêem que talvez se eles não existis-



sem, os pais conviveriam melhor. Chegam a essa conclusão, baseados nas atitudes deles, quando em crise. Por exemplo, dentro de uma discussão acalorada da mãe contra o marido que chegou alcoolizado, a menina de 6/7 anos, apavorada, chega-se para perto da mãe, que lhe grita "saia daqui, vá embora". Passada a briga, em geral, a mãe não dá explicação alguma à criança; menos ainda se desculpa pelo modo como lhe falou. É quando as crianças pensam como seria bom não viver naquela casa.

Pouco à pouco, vai-se desenvolvendo o sentimento de abandono. Chegando à adolescência, já mais esclarecidos, os jovens pensam em sair de casa, assim que possível. Aham injus-

ta a situação que a vida lhes proporciona. Muitas jovens casam-se cedo demais e, quase sempre com um alcoólatra por um processo de co-dependência de anos vividos num lar assim desestruturado. (É assunto que será apresentado em outra oportunidade).

Além do prejuízo emocional/psicológico de pais alcoólatras, também muitos apresentam concomitantemente sintomas psicossomáticos, perturbações físicas, tais como, dores de cabeça constantes, dores de estômago. Alguns jovens com 12/13 anos, ainda apresentam enurese noturna, e sentem tonturas, cansaço e mau rendimento na escola.

Contudo, os danos causados, se não forem eliminados totalmente, poderão certamente ser atenuados. Essas crianças ou jovens adolescentes precisam, de um lado, da compaixão das pessoas que os assistem na recuperação, ajudando-os a redefinirem valores; de outro, devem preocupar-se com seu

bom desenvolvimento físico, emocional, psicológico; bem orientados aos grupos de auto-ajuda (por exemplo, Alateen) ou a profissionais mais especializados, disponíveis na comunidade, dessa maneira, poderão ter um bom desempenho em suas tarefas e saudável desenvolvimento psicológico afim de ganharem segurança e paz interior.



CASA BETHANY - Para recuperação da dependência química com ou sem internação.

Informações: Tel.: (0__11) 528-1845.

Consultório: Estrada Barro Branco, 655 - CEP 04852-320 (Changrilá, Santo Amaro), São Paulo, SP.

O medo do outro

(continuação)

Wimer Botura Jr.

Atualmente, o ser humano não significa tanta ameaça, embora ainda existam razões para se ter medo do desconhecido. Existem mais informações e mais trocas que podem nos deixar tranquilos na aproximação com o outro.

Quando um indivíduo nasce, não sabe quem é, e só se descobre na relação com o outro. E são os pais que mostram inicialmente a realidade do mundo para a criança — ela sabe quem realmente é em função dos espelhos dos pais.

Nós somos a consequência dos espelhamentos adquiridos na relação com nossos pais. A relação eu-outro é essencial para o nosso conhecimento e nossa existência. O eu é a sua própria individualidade e o outro é tudo o que não é o eu. Na relação eu-outro, sentimos que fazemos parte do todo e este é um referencial muito importante. Eu só posso estar bem na medida em que o outro está bem. Estar melhor do que o mundo não me faz bem, porque este bem é relativo e momentâneo. O bem absoluto está ligado a uma relação integral com o outro.

Quando falamos do eu-outro, estamos analisando a relação do indivíduo com a história, com o social, com a outra pessoa, do homem com a mulher e do pai com a criança. Se eu tiver uma relação saudável com quem me espelha, se eu perceber que o outro é parte do mesmo todo — e não um ser competitivo e ameaçador — vou interiorizar imagens boas na minha mente e terei menos medo do outro.

O medo do outro será maior quanto maiores forem as ameaças intrínsecas na relação pai-filho, porque é

por meio dela que a criança se identificará, ou não, com o restante do mundo. O mundo do adulto é a projeção do universo de sua infância.

Antigamente, existiam muitas ameaças pairando sobre o convívio familiar. Como o pai desconhecia a necessidade de comunicação com os filhos, cometia erros básicos na educação e as crianças acabavam introjetando-os como medo, dos pais e dos adultos. Essa é uma manifestação típica, resul-

Na sociedade contemporânea, o maior problema do homem é o medo do julgamento. Por que os pais se esforçam tanto para mostrar que os filhos são bem-educados?

tado de uma sociedade armada. Ora, quem está armado gera no outro a necessidade de se armar também, porque a atitude do outro estimula-o a sentir medo. Hoje, as ameaças reais aos indivíduos, ainda freqüentes e graves, são muito menores que há séculos, porém continuamos a ter mais medo do que precisamos. A maioria deles não está nos perigos reais, e sim no julgamento do outro. Na sociedade contemporânea, o maior problema do homem é o medo do julgamento.

Por que os pais se esforçam tanto para mostrar que os filhos são bem-educados? Por medo do julgamento do outro. A maioria não se empenha em educar seus filhos, mas sim em mostrar

aos outros que eles são bem-educados. Para muitas pessoas, educação significa criar filhos obedientes, submissos, social e politicamente corretos. Acima de tudo, alguns pais acham que seu dever é prestar contas ao outro. Mas o outro pode também estar cobrando estas contas, estas aparências, por mera insegurança.

Os pais que têm medo de ter filhos homossexuais, por exemplo, não estão preocupados com a felicidade futura de



seu filho, mas com os prováveis comentários dos outros sobre seu fracasso como pai. Os medos dos quais estamos falando também podem ser transmitidos verbalmente, ou por atitudes inadequadas. Assim, a criança registra que o outro é uma ameaça e, como todos precisam do outro para sobreviver, cresce com a necessidade da ameaça e do perigo. Desta forma, vamos interiorizando mais medos do que deveríamos.

Por outro lado, se o pai estiver mais presente na relação com o filho e com a mulher, a mãe terá menos medo de cumprir suas funções, e, assim, passará menos medo para o filho, e este, conhecendo o pai, sentirá menos medo

Continua na página 36 >>>

ENTRADA

Salada com batata frita

Ingredientes

- Item 1 250 g de presunto picado
 1 lata de milho escorrida
 2 xícaras de chá/maionese
 2 colheres/chá de mostarda
 1 colher/café de açúcar
 1 colher/sopa de catchup
 1 colher/chá de molho inglês
- Item 2 1 pacote de batata frita
 Folhas de alface



Modo de preparar

1. Coloque todos os ingredientes do Item 1 em uma tigela grande e misture muito bem. Leve à geladeira e deixe até o momento de servir.
2. Tire a salada da geladeira e guarneça com batatas fritas, esfareladas. Sirva sobre folhas de alface.

PRATO PRINCIPAL

Lombo à brasileira

Ingredientes

- 1 lombo de 1 quilo e meio
 1 dente de alho amassado
 1 folha de louro picado
 1 cebola média picada
 1 colher/sopa de vinagre,
 1 cálice de vinho branco seco
 3 colheres/sopa de óleo
 Sal e pimenta do reino

Modo de preparar

1. Lave o lombo, seque-o com um guardanapo e coloque-o numa tigela grande.
2. À parte, misture todos os temperos e regue o lombo com este molho.
3. Deixe tomar gosto de um dia para o outro, virando de vez em quando (conserve dentro da geladeira).
4. Coloque o lombo em uma assadeira untada com óleo. Asse em forno quente até que a carne fique bem macia.
5. Durante o cozimento, vá regando com o tempero e o molho que se forma na assadeira. Retire do forno e corte em fatias. Sirva com arroz branco, farofa e batata frita.

SOBREMESA

Pavê delícia

Ingredientes

- 2 colheres/sopa de manteiga
 3 xícaras de açúcar
 2 gemas
 1 xícara de amendoim torrado e moído
 1 lata de creme de leite sem soro
 1 pacote de bolacha de maisena

Modo de preparar

1. Bata a manteiga com o açúcar até clarear. Acrescente as gemas uma a uma. Batendo sempre, junte o amendoim e o creme de leite. Misture muito bem.
2. Monte o pavê numa forma retangular; alterne camadas de creme e bolacha começando e terminando com o creme.
3. Espalhe por cima um pouco de amendoim.
4. Conserve na geladeira até o momento de servir. Este pavê fica melhor feito de véspera.

Dignidade humana e paz

CF'2000

Rm 12,1 - u v s ex r t, p s,
rmã s, p l s m s r córd as d
D s, f r c r d s v s s s
c r p s m sa cr fíc o (d çã)
v v s nt, gr dáv l D s: é
st v s s c lt sp t l.

- 2 - Não vos conformeis com este mundo, mas transformai-os pela renovação do vosso espírito, para que possais discernir qual é a vontade de Deus, o que é bom, o que lhe agrada e o que é perfeito.
- 3 - m v r t d d gr ç qu m f i d d, r c m nd a t d s a c d m
nã f ç m d s própr os m p nã m i r d q e c nvém, m s m
c nc it r z v lm nt mo d st, d c rd c m gr u d fé (gr ç s
p r t c l r s) qu D s lh d str b i.
- 4 - Pois como em um só corpo temos muitos membros e cada um dos nossos membros tem diferente função.
- 5 - ss m nós, mb r s j m s m it s, f r m m s m só c r p m Cr st,
c d m d nós é m mbr m d utr. (...)
- 9 - Que vossa caridade não seja tingida. Aborrecei o mal, apegai-vos solidamente ao bem.
- 10 - m i v s mu t am nt c m f i çã t rn fr t rn l d ant i v s
m h nr r ns os utr s.
- 11 - Não relaxeis o vosso zelo. Sede fervorosos de espírito. Servi ao Senhor.
- 12 - S d l gr s n sp r nç, p c ent s n tr b l çã e p r s v r nt
n r çã.
- 13 - Socorrei às necessidades dos fiéis. Esmerai-vos na prática da hospitalidade.
- 14 - b nç a s qu v s p r s gu m, b nç a - s, e nã s pr gu j s.
- 15 - Alegrai-vos, com os que se alegram, chorai com os que choram.
- 16 - V v i m b a h r m n a n s c m s utr s. Nã v s d ix is l v r
p l g st d s gr nd z s; fi ç a - v s c m s c is s m d st s
Nã s j is sáb os os v s s s própr os lh s.
- 17 - Não pagueis a ninguém o mal com o mal. Aplicai-vos a fazer o bem diante de todos os homens.
- 18 - S f r p s s í v l, qu nã d p nd r d vós, v v i m p z c m t d s s
h m ns".

Deus nos oferece o maior valor a que um ser humano pode aspirar: a dignidade humana, e mais ainda a dignidade de ser adotado como seu próprio filho. Cabe a nós lutar por ela, conservá-la, testemunhá-la, respeitá-la no outro e ensinar aos irmãos a reconhecê-la e amá-la. Só assim estaremos construindo um mundo de paz.

Pondo as vogais aonde falta, poderemos ler um trecho da Carta aos Romanos aonde Paulo dá dicas para: "Viver em Paz com todos os homens" (Rm 12,18). Texto extraído da Bíblia da Ave Maria.

>>> Continuação da página 34

de sua figura. A criança crescerá menos temerosa e com menos medo do outro. O pai pode também ter a chance de revelar o desconhecido para seus filhos porque, quando participa e fica mais presente, torna-se mais conhecido e transforma suas próprias inseguranças em parâmetros para o filho se orientar na vida. Da mesma forma, sua segurança e experiências podem ser interiorizadas.

De um tempo para cá, na sociedade e na vida do indivíduo, o medo da agressão, uma possibilidade real no contato com o outro, deu lugar ao medo do julgamento do outro; em outras palavras, medo do ridículo.

A maioria das pessoas tem vontade de fazer uma série de coisas e não faz por achar tudo ridículo. Isto demonstra o medo excessivo do julgamento. Este é um comportamento muito destrutivo que a sociedade elabora e impõe às pessoas. O julgamento do outro acaba sendo mais importante do que os desejos das pessoas.

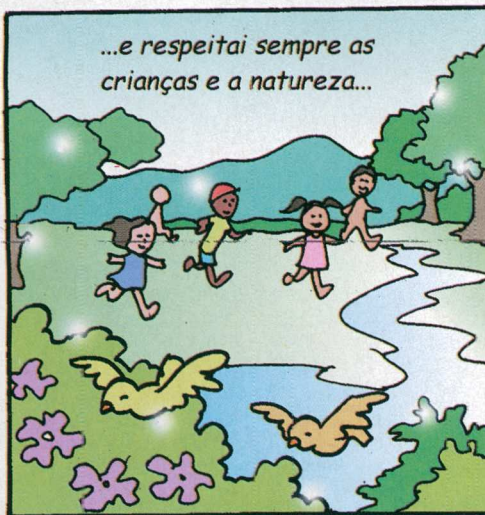
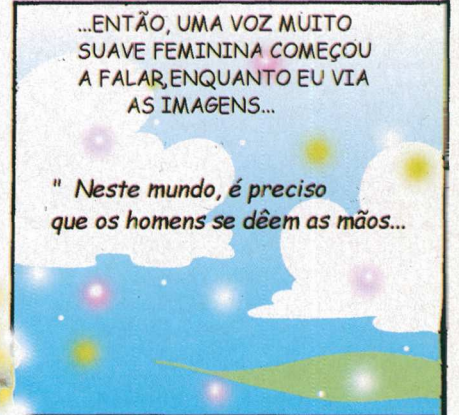
Quanto mais o indivíduo interioriza conceitos ruins a respeito de si mesmo, mais teme os outros e passa a julgar o mundo segundo os seus valores. Ele teme que os outros o julguem da mesma forma que ele julga a si próprio.

Assim, determinadas regras e normas que se criam na família e na sociedade, em vez de favorecerem a afetividade, estimulam o medo do julgamento dos outros.

Mais uma vez, a essência é trocada pelo demonstrativo. Fica sendo mais importante demonstrar o êxito do que consegui-lo.



Wimer Botura Jr. é médico psiquiatra, psicoterapeuta e autor do livro: A paternidade faz a diferença, Ed. Gente.





PEDREIRA SP



Minha cidade!

Minha cidade é legal. Tem muitos lugares para a gente se divertir. Minha cidade é a capital da porcelana, por que aqui tem muitas lojas de porcelana. As pessoas são muito amigáveis e gentis. Nosso prefeito é o Toninho Ganzaroli.

O que eu faço de legal é ir à escola. Gosto muito de ir à Perseverança. Nós fazemos trabalhos na igreja, como teatros, festas, etc.

Os lugares mais bonitos são: o morro do Cristo, as montanhas e o centro da cidade.

Adoro vocês.

Priscilla G. Santos

Endereço: Pe. Teilhard de Chardin, 139, J. Andrade,
Pedreira - SP - CEP 13920-000



CARTA

Olá! Meu nome é Paula Martines Almas. Tenho 15 anos. Estudo na escola E. E. Antônio Augusto Netto. Estou no 1º Colegial

A. Sabe, eu gosto muito de ler as histórias que a Maíra conta.

Vocês sabiam?

"Que para ser amigo não precisa ser bonito, basta ser humano?"

Basta saber ouvir e principalmente saber contar seus problemas.

A pessoa que recebe este nome, vale a pena. Amizade é coisa antiga e bonita.

Bom, fico por aqui.

Um grande beijo a todos.

Paula Martins Almas

R. Salustiano Martins Passos, 161

Nova Marília - Marília - SP

CEP: 17522-320



CANTINHO DO CORAÇÃO

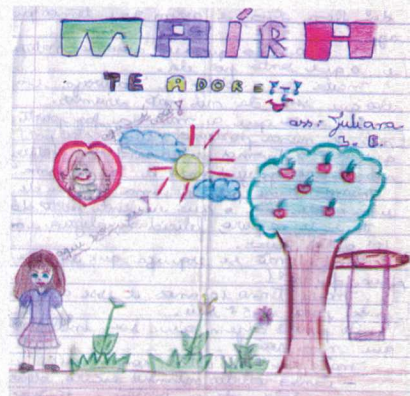
À Revista Ave Maria
Gostaria de participar das historinhas da Maíra, no cantinho do coração.

Como é gostoso fazer amigos.

Natália Ariane Moi - 10 anos -

Avenida 11, 341

Ajapi, Rio Claro - SP - CEP 13.508-000 Marília, 10 de março de 2000



BEIJOS

Elvis Henrique Barbosa
R. Benjamim Abdalas Adas, 102
Jênio Quadros - Marília - SP
CEP 17511-757



ENDEREÇO

TURMA DA MAÍRA

Rua Anibal de
Almeida Pessoa, 83
Aldeia de Barueri -
Barueri - SP
CEP: 06440-25C



revista AVE MARIA

PRIMEIRA
REVISTA CATÓLICA
MARIANA DO BRASIL

A revista AVE MARIA foi criada para ser uma homenagem a Nossa Senhora. Por isso, durante um século ela manteve — e continuará mantendo — um compromisso com o evangelho de anunciar a justiça, o direito, a verdade, o amor e a paz.

Divulgue você também essa mensagem.

Você já pensou em dar de presente uma assinatura da AVE MARIA a um parente, amigo, vizinho, ou a alguém que você estima? São só R\$ 20,00. O(A) novo(a) assinante receberá uma revista que fortalece a fé, leva conforto espiritual, traz a palavra do Papa, notícias da Igreja, conta a história dos santos, etc. Você sentirá a satisfação de divulgar mensagens cristãs e marianas.

Todos os meses, você será lembrado(a) com admiração e alegria.

É muito fácil e simples fazer sua assinatura: de qualquer parte do Brasil é só telefonar, grátis, para 0800-55-5021 ou (0 -- 11) 3666-2128.

Ave MARIA

REVISTA MENSAL — FUNDADA EM 28.05.1898
RUA MARTIM FRANCISCO, 656 TELS. (011) 3666-2128/3666-2129
CAIXA POSTAL 1205 CEP 01059-970 SÃO PAULO, SP

IMPRESSO FECHADO - PODE SER ABERTO PELA E.C.T.